



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Diego Lino Silva

Dá-nos a todos a impressão de uma velha senzala: táticas de organização comunitária das populações negras rurais em Feira de Santana (1930 - 1945)

Feira de Santana

2018

Diego Lino Silva

Dá-nos a todos a impressão de uma velha senzala: táticas de organização comunitária das populações negras rurais em Feira de Santana (1930 - 1945)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Feira de Santana, como exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Ramaiana Moraes Oliveira

Feira de Santana

2018

Diego Lino Silva

Dá-nos a todos a impressão de uma velha senzala: táticas de organização comunitária das populações negras rurais em Feira de Santana (1930 - 1945)

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, de Julho de 2018

Prof. Dr. Clovis Ramaiana Moraes Oliveira – UEFS

Profa. Dra. Mayara Plácido Silva – IFBA

Prof. Ms. Valter Guimarães Soares – UEFS

A tia Tata (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos da monografia são o pretexto ideal para retomar os momentos vividos durante os anos que passei na graduação em um (re)visitar melancólico, como quem olha um álbum, da coleção de lembranças que compartilho com aqueles – impossível dizer todos – que quero e devo citar agora.

Sou muito grato aos meus pais, financiadores materiais e afetivos desses anos dedicados aos estudos. Minha mãe – *Tia Juci* do meu coração –, de dentes cerrados foi bem incisiva ao me ensinar a importância dos livros, da educação e das responsabilidades. Meu pai me inculuiu – quase a contra gosto, devo dizer – os hábitos étlicos que, mais tarde, ouvi falar pelos cantos da UEFS serem também importantíssimos para a minha formação, sábio *Nega Jó!*

Os agradecimentos se estendem a Milena, minha irmã destemida e grandona, as minhas tias e tios, as minhas avós e meu avô que, dos seus jeitos, apoiaram estranhando as minhas escolhas e decisões. Agradeço aos meus pequenos(as) primos e primas que também me ajudaram um bocado ao crescer comigo: Lucas, obrigado. Destaque a tio Deja, influência no “gosto” pela academia.

Aos meus *dotôres do amor*, Alanna, Artur, Allan e Alessandro, sou muito grato pela amizade que criou e resolveu muitos dos obstáculos e enfrentamentos que pude superar ou fugir, todos eles fundamentais para o caminhar que vem pela frente. Quero agradecer especialmente a Béatriz, companheira com quem tenho compartilhado trajetórias e segredos. Também a Lucymara, irmã mais velha que ganhei de presente e que me protegeu muito nesse tempo todo. Muito obrigado a todas(os) vocês!

Agradeço aos professores que tive o privilégio de conhecer, que muito contribuíram e marcaram a minha trajetória na UEFS. Em especial, a professora Elciene Azevedo e aos professores Ágabo Borges, Valter Guimarães e Eurelino Coelho. Destaque ao professor, mais que orientador, Clovis Ramaiana, um paizão que, em alguns anos de convivência, tornou-se uma perigosa influência nos caminhos da História e de outras ficções.

Agradeço ao pessoal da Sala de leitura em História e Literatura, aos membros do projeto Rio de Lutas, também aos membros do grupo Hermenêutica e Ontologia nos textos e material da Antiguidade à Contemporaneidade. Não saberia dizer o quanto cada discussão travada nesses espaços contribuiu no resultado do que apresento escrito aqui. Logo, parte da culpa também é deles.

Ao pessoal do Museu Casa do Sertão pelas contribuições nas pesquisas. A Rodolfo e a Wallisca pela pouca paciência (quase nenhuma) com as frequentes ausências. Também a Glaucia e Keila que, sumidas também, entenderam as ausências de forma muito conveniente.

“O sertão sabia, a cidade fingia não saber, mas, apesar dos recalques obrigados pelo progresso, a memória terminava se impondo, fosse no esquisito furor dos bichos que se arrastam, fosse nos calundus da gente que trazia, na cor da pele, uma natural afinidade com o quilombola. Eram muitos, Lucas, era povo sem fim.”

(Muniz Sodré, O bicho que chegou a Feira)

RESUMO

Os movimentos de intervenção dos vetores nacionais desenvolvimentistas sobre o cotidiano da população negra pobre e rural dos arredores da cidade de Feira de Santana compõem o pano de fundo desse trabalho. São analisadas as táticas de organização comunitária dessas comunidades. Para tanto, recorreremos ao conceito de tática em Michel de Certeau para procurar customizações dos grupos subalternizados sobre os dispositivos discursivos de disciplinarização, exclusão e interdição sobre os grupos negros rurais. O jornal *Folha do Norte*, os versos do poeta Aloísio Resende e alguns processos crimes de Homicídio constituem as principais fontes utilizadas na pesquisa. Problematizando as representações construídas sobre as práticas sócio culturais dos grupos negros rurais entre as discussões nacionalistas e os movimentos de anexação do cotidiano de trabalho desses mesmos grupos, são mapeadas as relações de poder que atravessam os processos de disputa em torno das permanências e/ou rupturas sobre as práticas e condutas ditas incivilizadas segundo os modelos nacional desenvolvimentistas dominantes.

ABSTRACT

The intervention movements of the national developmental vectors on the daily life of the poor and rural black people in the city of Feira de Santana form the background of this work. The organization tactics of these communities are analyzed. To that end, the concept of tactics in Michel de Certeau was used to seek customizations from the subaltern groups on the discursive devices of disciplining, exclusion and interdiction over rural black groups. The *Folha do Norte* newspaper, the verses of the poet Aloísio Resende and some homicide crimes cases are the main sources used in the research. Problematizing the representations built on the socio-cultural practices of the rural black groups between the nationalist discussions and the movements of annexation of the daily work of these same groups are mapped the relations of power that cross the processes of dispute around the permanencies and / or ruptures on the practices and behaviors said to be uncivilized by the dominant national developmentalist models.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDOC/UEFS: Centro de Documentação da Universidade Estadual de Feira de Santana

CLT: Consolidação das leis trabalhistas

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MCS/CENEF: Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1: Para falar dos subúrbios, o poeta	17
Eu também conheci Aloisio Resende	20
Pretos, pardos, poetas e suburbanos.....	21
Poesia e poder	26
Das reivindicações de tempo	28
Dos sentidos postos: Escravidão, terreiro e memória	30
Das lideranças	35
Capítulo 2: Rumo aos Campos	39
Os negros camponeses	40
As boas novas do ouro branco	44
O tempo do ouro branco	48
Os modos de fazer e de saber fazer	51
Novos sentidos: O trabalhador mulato.....	53
Considerações Finais	58
Lista de Fontes	61
Referências Bibliográficas	63

INTRODUÇÃO

O que eu vejo é uma nação com empresários operosos, tentando produzir, enquanto politiquinhos ficam por aí, agitando esse imenso bando de preguiçosos, vagabundos, dispostos a qualquer coisa para não trabalhar.¹

Bem verdade que o trecho citado acima se refere a outros tempos que não os do recorte desse trabalho. Quem fala (o personagem), comemora e ratifica as medidas duras e intervenções incisivas do regime ditatorial civil-militar iniciado após o golpe de 1964. O contexto que a citação foi retirada discute a chegada das promessas de progresso e desenvolvimento em Feira de Santana, atreladas, principalmente, ao capitalismo e a industrialização. Promessas e oposições entre os anseios de desenvolvimentistas e lucrativos burgueses e as práticas sociais atreladas as formatações comunitárias dos grupos subalternizados tem atravessado a trajetória política, econômica e social do Brasil e de Feira há muito mais tempo do que a década de 1960. Essas oposições compõem o terreno onde esse trabalho se situa.

A partir de 1930, medidas econômicas e políticas tomadas durante o governo de Getúlio Vargas têm sido denominadas por alguns autores enquanto período nacional-desenvolvimentista. Para Pedro Fonseca², o desenvolvimentismo se refere aos planos de ação que sugerem e justificam políticas governamentais conscientes. Legitimadas pelo ideário desenvolvimentista, as medidas do governo varguista foram tomadas como iniciativas para a construção do bem estar social, a soberania nacional e para a saída de uma situação econômica e política periférica no cenário internacional com indicadores sociais degradantes.

Pedro Bastos³, para descrever a construção do nacional desenvolvimentismo, se volta aos anseios de emancipação econômica nacional caracterizados pela defesa de uma intervenção e centralização progressiva da economia no Estado. Entre outras características, o nacional desenvolvimentismo é descrito como um projeto de governo antiliberal consorciado com um nacionalismo oportunista. Vargas aproveitara dos discursos e sentimentos ufanistas patrióticos para estimular o desenvolvimento econômico nacional dissociado do capital estrangeiro.

¹ SODRÉ, Muniz. **O bicho que chegou a Feira**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1991, p. 39.

² FONSECA, Pedro D. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. **Pesquisa e Debate**. v. 15(2), p.225 – 256, 2004.

³ BASTOS, Pedro Paulo Zahlut. A construção do Nacional-Desenvolvimentismo de Getúlio Vargas e a Dinâmica de Interação entre Estado e Mercado nos Setores de Base. **Economia, Selecta**. Brasília (DF). v. 7, n. 4, p. 239 – 275, Dezembro 2006.

Para além das intervenções econômicas, o nacional desenvolvimentismo da década de 1930 e 1940 se estende sobre outros panoramas que atravessaram a construção da nação e do sentimento nacional. Marlise Meyrer⁴ associa o desenvolvimento com um projeto civilizador sobre a nação. Retomando a revista *O Cruzeiro*, Meyrer aponta para falas em defesa do *poder civilizatório do capital*, das possibilidades de uma *reeducação pelo capitalismo* enquanto argumentos para incentivar um processo civilizador sobre o país. O nacionalismo é construído em uma luta simbólica para determinar condutas e culturas adequadas aos modelos desenvolvimentistas do novo projeto de Brasil.

Segundo Meyrer, os anseios civilizatórios que atravessam o Brasil, enunciados pela revista *O Cruzeiro*, fazem parte dos percursos traçados para a construção da nação. A pátria e a identidade nacional pretendida pelo período e pelos projetos do governo de Vargas são agora demandadas por novos horizontes sócio econômicos. Meyrer retoma Gilberto Freyre para discutir como uma nova leitura (a culturalista) constrói novas possibilidades de ser brasileiro. Isto é, membro da nação industrializada, urbanizada e civilizada prometida para aquele momento. Ela registra também que tais possibilidades não deixam de estar atravessadas, também, por demarcadores raciais.

Lilian Schwarcz⁵ aponta para como as ideias/discursos sobre a raça foram e são política e historicamente construídas a partir do que o contexto social demanda. Schwarcz retoma a ciência enquanto dispositivo legitimador da construção de hierarquias raciais. Wlamyra Albuquerque⁶ fala sobre como, após a abolição, novos instrumentos de hierarquização social, sob critérios raciais, são demandados da sociedade brasileira. A racialização da sociedade é historicamente (re)construída mediante as disputas de poder e as estratégias de subalternização tecidas pelas classes dominantes.⁷

A partir disso, é possível argumentar que, na década de 1930, também, a construção da positivação sobre a mestiçagem no Brasil foi resultado de processos históricos e sócio políticos elaborados de acordo com os projetos do governo sobre a nação. Novos modelos são

⁴ MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955 – 1957)**. Tese (doutorado em História). Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, p. 87ss.

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶ ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁷ O retomar das demandas de racialização do pós-abolição serão constantes ao longo do trabalho, pois entende-se que as formulações negro brasileiras enunciadas a partir da discussão com as fontes e a bibliografia apontam para um cenário racial associado à permanências nas práticas cotidianas do contexto republicano e/ou representações que, ligadas à memória, interferem na forma como os negros suburbanos da Feira significam seus espaços e ritmos.

elaborados para a normatização da população sob os padrões demandados pelos cenários de industrialização e modernização enunciados pelo nacional desenvolvimentismo, normatizando também caracteres raciais.⁸

Carlos Carola⁹ se volta ao personagem *Jeca Tatu*, criado por Monteiro Lobato, para apontar justificativas dominantes sobre os projetos de modernização e civilização das famílias rurais no Brasil. Caboclos, preguiçosos, apáticos, pobres e sem patriotismo; a descrição do *Jeca Tatu* vai ser impressa sobre a maioria das populações componentes das comunidades rurais no Brasil. Nos novos tempos da industrialização, essas representações são tomadas enquanto figuras a serem superadas. Numa dicotomia arcaico x moderno, os vetores desenvolvimentistas se estendem também para a produção agrária a demandar novas condutas dos trabalhadores rurais.

Nos movimentos de chegada e dominação dos anseios desenvolvimentistas sobre as comunidades rurais cruzadas também por configurações raciais é que esse trabalho se inscreve. Entre as estratégias dominantes de subalternização enunciadas pelo nacional desenvolvimentismo e pelo discurso de elogio da mestiçagem e do trabalhismo¹⁰, nas décadas de 1930 e 1940, pergunto pelas táticas de organização comunitária da população negra e pobre nos arredores da cidade de Feira de Santana. Por táticas¹¹, nos voltamos às reformulações das comunidades suburbanas sobre as estratégias dominantes que tomam por referencia os vetores capitalistas de industrialização, disciplinarização do trabalho e civilização das praticas sócio culturais.

Na tentativa de mapear as táticas negro brasileiras elaboradas diante os vetores das operações civilizadoras, nos voltamos as operações discursivas de (re)significação dos arquivos construídos pelas estratégias dominantes. As formas como as representações sobre os grupos negro brasileiros, suas sociabilidades, religiosidades e práticas sociais são inferiorizadas a partir de novos critérios de hierarquização, postos pelo desenvolvimentismo, insinuam práticas sociais de subalternização legitimadas pelas instituições dominantes.

⁸ ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁹ CAROLA, Carlos Renato. *Jeca Tatu e o processo civilizador da família rural brasileira*. **8º Simpósio Processo Civilizador, História e Educação: novas exigências do processo civilizador na contemporaneidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

¹⁰ Angela Gomes define o trabalhismo a partir das estratégias de aproximação e valorização da imagem criada sobre Getúlio Vargas como líder das massas compostas pelos trabalhadores do Brasil. Segundo Gomes, são investidos estímulos variados na construção do bom trabalhador brasileiro: trabalhador negro que positivava a “raça brasileira” e compunha os laços estreitos que ligavam os cidadãos numa grande família, alinhados a racionalização e a disciplinarização do trabalho para o benefício da nação. GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

¹¹ CERTEAU, Michel de. “Primeira Parte: Uma cultura muito ordinária” In: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

As operações do discurso não se restringem a traduzir as relações de poder através das táticas e estratégias de dominação, são também o objeto da disputa¹². As táticas são tomadas como operações discursivas materializadas; Práticas sociais negro brasileiras que permaneceram e se apropriaram dos vetores desenvolvimentistas na manutenção customizada dos seus caracteres culturais, disputavam com as estratégias dominantes os arquivos que lhes autorizariam acessar a nação.

As cartografias das relações de poder que interferem na dinâmica produtiva e no cotidiano de trabalho ritmado por operações próprias das comunidades rurais são associadas aos arquétipos raciais utilizados como dispositivos de exclusão e interdição. As disputas dos arquivos, as operações de significação sobre o cotidiano, o território, o trabalho e as sociabilidades são acessadas através dos indícios de permanências cotidianas resistentes aos vetores de disciplinarização e controle.

As estratégias nacionais desenvolvimentistas de subalternização dos modos ditos arcaicos das comunidades rurais negro brasileiras funcionam como instrumentos que autorizam o mapear das customizações. Ao se estender sobre os cenários rurais, o desenvolvimentismo implica em um *caráter destrutivo* próprio do desejo dominante de, ao civilizar, excluir e interditar os modos de fazer dessas comunidades, inadequados aos seus projetos civilizatórios. Walter Benjamin¹³ descreve o *caráter destrutivo* como movimento harmônico e contínuo de destruição que, sob uma necessidade eterna de ocupação, se dissolve em regimes de anexação de tudo. Todos os caminhos, para o *caráter destrutivo*, se apresentam enquanto espaços vazios a demandar ocupação/destruição. Ao desenvolvimentismo, práticas sócio culturais rurais negro brasileiras aparecem, essencialmente, enquanto objeto de desejo dos movimentos de anexação, ou seja, elementos livres a civilizar, interditar, subalternizar, excluir.

Alguma literatura já da conta de como, em Feira de Santana, anseios civilizatórios interferem sobre os hábitos suburbanos e centro urbanos¹⁴. Processos graduais e contínuos de disputa dos sentidos postos sobre algumas práticas sociais demarcam a trajetória histórica da

¹² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

¹³ BENJAMIN, Walter. “O caráter destrutivo”. In: **Rua de mão única, Obras Escolhidas, vol. II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

¹⁴ Ver: OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “**Canções da cidade amanhecendo**”: **urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016; SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da valentia: violência e modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)**. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2008; SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919 – 1946)**. Dissertação de mestrado em História. Feira de Santana: UEFS, 2012; OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de Modernidade: olhares,**

cidade e de seus moradores. Para acessar a forma como esses regimes de anexação se estendem, especificamente, sobre as comunidades negras rurais feirenses, procuro em exemplares do *Folha do Norte*, na poesia de Aloísio Resende e em alguns processos criminais, as falas de reivindicação das civilidades desenvolvidas e as astúcias ainda não *destruídas* pelos vetores de civilização.

O trabalho foi dividido em dois capítulos: No primeiro, recorro as poesias de Aloísio Resende e a algumas publicações no jornal *Folha do Norte*, para mapear as lutas de representações e as relações de poder que atravessam as imagens presentes nos versos do poeta. Trata-se de procurar entre as comunidades negras rurais os exercícios discursivos de (re)significação, naquele momento, em torno do que configura a cultura negro brasileira. Os versos do poeta emergem num contexto sócio histórico de disputa entre os sentidos sociais atribuídos aos negros no Brasil. As imagens enquadradas pela poesia registram práticas sócio culturais cotidianas que destoam dos processos civilizatórios. Nas batalhas entre o significado atribuído e a conduta exigida, como são arquivados os negros presentes na paisagem rural que rodeia a Feira de Santana?

No segundo capítulo, recorro às experiências de trabalho das comunidades rurais suburbanas, pensando a lavoura e a feira, a partir do jornal *Folha do Norte*, de um cartão postal e de um Relatório da Prefeitura Municipal. São analisadas as intervenções desenvolvimentistas sobre os ritmos produtivos, o cotidiano de trabalho e sociabilidade, além dos sentidos postos sobre o território na sua relação com a produção material. Os incentivos agrícolas para a chegada do algodão como uma espécie de “lavoura redentora” funcionam, para os lavradores feirenses, como vetor de intervenção no cotidiano produtivo e cultural das comunidades rurais. Sociabilidades e cotidianos apontam para práticas destoantes das premissas pregadas pelas intervenções desenvolvimentistas sobre o ritmo, pelas operações positivadoras do nacionalismo sobre o lavrador enquanto bom trabalhador brasileiro, e pelas condutas – ditas incivilizadas – da feira ocupada pelos lavradores negros e pobres moradores dos arredores da cidade.

CAPITULO 1: PARA FALAR DO SUBÚRBIOS, O POETA

Era *preto retinto* o novo herói da nação. Inclinado a *palavras feias e imoralidades*, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*¹⁵, sinaliza o cenário de disputas, discussões e transgressões em torno dos projetos dominantes de Brasil na República. Publicado em 1928, retoma o mito das três raças e versa sobre a descrição de uma cultura brasileira carregada de referências figuradas, símbolos e constantemente atravessada por caracterizações postas, entre outras formas, sob critérios raciais. Conversando com o pensamento social de sua época, o *herói de nossa gente* faz parte das revisões sobre as teorias colocadas pelo darwinismo social a respeito do processo de mestiçagem no Brasil.¹⁶ A raça/cor é uma questão permanente, nos trajetos republicanos, ao cotidiano das cidades e às intenções sobre a nação nas primeiras décadas do século XX.

Extensa literatura já se ocupou de traçar percursos e problemas em torno da racialização na sociedade brasileira.¹⁷ A historiografia sobre o fim do século XIX e início do século XX, ocupando-se da abolição e décadas posteriores, aponta para a configuração de ameaças às estruturas sociais montadas numa associação direta de negros à condição de cativo. A racialização das relações sociais e a intensificação da cor como critério de atribuição moral/social surgem como demanda para grupos dominantes brancos diante a ameaça ao status social consequente dos novos negros e mestiços livres. A partir disso, grupos dominantes incentivam reformulações urbanas, regulamentações nas condutas, controle/disciplinarização de corpos e comportamentos sob normatizações enunciadas por vetores de civilidade. Vetores que incitam projetos de “desafricanização” das ruas, os anseios civilizatórios nos ideais da república implicaram num processo de exclusão de traços negros e africanos no cotidiano da cidade.¹⁸

Alberto Ferreira¹⁹, tratando das negras e escravas forras que se ajuntavam nas feiras do comercio ambulante de Salvador, aponta para como a Comissão de Posturas do Conselho

¹⁵ ANDRADE, Mario de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

¹⁶ SCHWARCS, Lilian Moritz, “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade” In.: **História da Vida Privada**, São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp. 177/244.

¹⁷ Ver: GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002; MAIO, Marcos Chor (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁸ FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937)”, in: **Afro-Ásia – centro de Estudos Afro-Orientais**, Salvador, n.21-22, 1998-1999.

¹⁹ **Ibidem**.

Municipal, em 1912, se preocupa em retirar do cenário que compõe a *belle époque* soteropolitana, as “negras licenciosas”. As preocupações de policiais, grandes políticos e as discussões na Assembleia Provincial apontam, para Wlamyra Albuquerque,²⁰ as preocupações que o cenário abolicionista provocara para fazendeiros e policiais sobre a conduta dos negros no pós-abolição. Para ela, a população de cor estava ciente da desestabilização social e processos crimes apontam para mecanismos de insubordinação que para as elites justificariam a incapacidade dos negros de compartilhar do mundo dos livres e demandariam hierarquizações e disciplinarizações baseadas em critérios raciais. O trabalho, a vida e a farras de negros e negras, africanos ou brasileiros, são colocados sob vigilância constante enquanto ameaça a ordem civilizada que o país deseja aos seus grandes centros.²¹

Questões raciais se estendem como preocupação ao longo da primeira metade do século XX. Em 1937, com o Estado Novo, os debates em torno da identidade nacional ganham força e se associam com novos dispositivos de interação com a racialização exigida para a sociedade brasileira. A figura do mestiço é moldada como protagonista da nova identidade popular inventada para a nação, incorporando, em certa medida, traquejos populares aos fatores portadores dos caracteres ditos nacionais. O exercício de positivação do mestiço como instrumento para composição dessa identidade, na produção intelectual procura reelaborar as caracterizações de negros, mestiços e mulatos tomados enquanto malandros, preguiçosos e indolentes. A negativização do negro e do mestiço é combatida no contexto de industrialização. Interessava ao Estado motivar uma oferta de massa trabalhadora para a indústria emergente. Para isso há uma positivação moral sobre o trabalho e, por consequência, imprimiam-se atribuições morais também sobre a figura do trabalhador.²²

O samba é outro grande marco de como o desenvolvimentismo modificara alguns percursos sociais na história do Brasil. Segundo Adalberto Paranhos²³, num movimento de recriação o samba vai incorporando outras cores e outras camadas sociais a sua trajetória, fato fundamental para sua configuração como instrumento de unificação nacional. Deixara de ser preto, o nacionalismo pintou o samba de verde e amarelo, de azul, de todas as cores. Paranhos aponta para falas racistas que atravessavam as disputas em torno da nacionalização do samba, além da apropriação por grupos que começam a negar seu traço negro, marginal, e como

²⁰ ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²¹ Idem. **Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889 – 1923)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

²² ORTIZ, Renato. **Op. Cit.**

consequência passa a fazer parte das falas civilizadas a partir de customizações, branqueamentos de grupos dominantes que o inserem na moderna indústria musical. O processo de comercialização do samba na montagem da indústria musical do Brasil, para Muniz Sodré²⁴, também interfere nos percursos sócio culturais do samba, reelaborando as marcas de ancestralidade presentes nas letras e no ritmo.

Para além das disputas no campo social, há também um movimento intelectual que atua na reformulação dos significados sobre a mestiçagem. Esse movimento é, com alguma frequência, associado as ideias de Gilberto Freyre que no livro *Casa Grande e Senzala*²⁵, em 1933, assedia uma suposta amenidade do preconceito racial no Brasil baseado numa romantizada composição da miscigenação no processo colonizador. No entanto, para além das ideias de Freyre, a década de 30, principalmente, ao tratar dos congressos afro-brasileiros em Recife e Salvador configura um horizonte mais amplo de discussão. Mateus Skolaude²⁶, ao voltar-se para o congresso afro-brasileiro de 1934, em Recife, pontua como o momento é de reflexão sobre as interações raciais no Brasil, e como posicionamentos, leituras e orientações das mais variadas atravessam os discursos no evento. Existe entre os anos finais década de 20 e no início da década de 30 também, uma trajetória de reflexão e debate em torno das configurações raciais na sociedade brasileira.

É nesse cenário de disputa sobre os sentidos sociais da raça/cor e as hierarquias raciais (re)fabricadas no Brasil que conversamos com o poeta. Aloísio Resende (1900 – 1941), jornalista nascido em Feira de Santana, publicou seus escritos, em sua maioria, no semanário feirense *Folha do Norte* entre 1930 e 1941. Antes disso, passara por outras cidades – Salvador, Recife, São Luís – onde deixou contribuições como articulista e poeta. Negro e de origem pobre, Aloísio compartilhara da boemia com os subalternizados na Feira, assim como versa as imagens extraídas nos espaços inadequados para um ilustrado poeta: das “incivilidades” de negros pobres do subúrbio. Resende e sua poesia se destacam pela revolta e pela polêmica em defesa dos traçados culturais da comunidade negro brasileira²⁷.

²³ PARANHOS, Adalberto. “Percursos sociais do samba: De símbolo étnico ao samba de todas as cores.” In: **Racismos: olhares plurais**. Salvador: EDUFBA, 2010.

²⁴ SODRE, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

²⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

²⁶ SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade nacional e historicidade: o 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934. In: **XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**, 2014, São Leopoldo. Programação e Caderno de Resumos. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

²⁷ A expressão negro brasileira é tomada de Muniz Sodré que, no livro *o Terreiro e a Cidade*, fala sobre uma forma social aquém da sociedade burguesa, elaborada com táticas e agenciamentos próprios a partir do estabelecimentos de relações de aproximação e atribuição de sentidos sobre o território; SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed. Salvador, BA: Fundação cultural do Estado da Bahia, 2002.

EU TAMBÉM CONHECI ALOÍSIO RESENDE

De *esbórnias constantes, de boemia desenfreada*²⁸, Aloísio Resende, na literatura que já se ocupou da trajetória do poeta e polemista, é retomado como boêmio, próximo das camadas populares, observador e construtor de representações sobre a configuração dos subalternizados em Feira de Santana. Clóvis Oliveira²⁹ se volta às homenagens feitas no *Folha do Norte*, após a morte de Resende, que o descrevem como um vagamundos, uma festeira cigarra, dividido entre as passagens na elite e seus convívios com os “indesejados” suburbanos, escrevendo sambas nas festa do momo, do “animismo fetichista” dos candomblés, *lembrando carurus e sambas de roda nas chácaras afastadas do centro*. A frequência com que Resende, no seu comportamento e na sua poesia, se afasta do centro e se aproxima dos subúrbios³⁰ em oposição, entre outras coisas, ao ordenamento urbano, é destacada por Clóvis Oliveira.

Denilson Santos³¹ chama a atenção para a religiosidade e os protagonismos atribuídos a negros e negras nos versos do poeta. Para ele, ao atribuir esses novos protagonismos em periódicos feirenses Aloísio Resende vai de encontro à exclusão dominante exercida sobre as práticas das religiosidades negro brasileiras, registrando suas resistências. Segundo Santos, ao poetizar o candomblé nas paginas do *Folha do Norte*, o poeta anuncia, em seus versos, os saberes populares sob a ótica da religião e, por consequência, sob o signo da ancestralidade.

Para Gabriela Silva³², as marcas da religiosidade nos versos de Resende serviram como testemunho da presença do candomblé na cidade e no seu entorno. Ao mesmo tempo, os versos denunciam à oposição do poeta a criminalização e a perseguição das praticas culturais negro brasileiras na cidade. Já para Josivaldo Oliveira³³, Aloísio Resende desponta como

²⁸ HOMENAGEM a Aloísio Resende, *Folha do Norte*. 03 de Janeiro de 1943. MCS/CENEF.

²⁹ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “**Canções da cidade amanhecete**”: **urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016.

³⁰ Clóvis Oliveira aponta para o subúrbio feirense enquanto espaço que sofre menos as interdições intensamente reivindicadas ao centro urbano. José Martins ao refletir sobre as intenções e concepções aplicadas sobre a cidade, nas estratificações e na organização do território, aponta para o subúrbio como o lugar da gente pobre, da classe trabalhadora, onde os costumes dos subalternizados se estendem como mais facilidade; MARTINS, José de Souza. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da Republica Velha**. 2 ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2002; OLIVEIRA, Clóvis. **Op. Cit.**

³¹ SANTOS, Denilson Lima. **Nas rodas da macumba: os poemas de Aloísio Resende sob o signo da ancestralidade**. Dissertação de mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana: UEFS, 2009.

³² SILVA, Gabriela do Nascimento. **Na Terra de Nanã: Candomblés, Territorialidade e Conflito em Feira de Santana (1890-1940)**. Dissertação de mestrado em História. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2016.

³³ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Aloísio Resende, poeta dos candomblés: histórias das populações negras em Feira de Santana-BA**. Feira de Santana: Samp Editora, 2011.

“poeta dos candomblés” diante sua preocupação em defender adeptos dos cultos religiosos de matrizes africanas das condenações e carceragens, consequência de um projeto de desafricanização das ruas. Para ele, as experiências afro-religiosas escolhidas pelo literato como objeto dos seus textos desvelam uma intenção do autor de posicionar-se quanto as suas origens raciais. Estariam os versos de Resende engajados na militância dos movimentos sociais de oposição ao processo de exclusão e perseguição às práticas religiosas negro brasileiras sob o olhar da civilização.

Da literatura já existente sobre o poeta, muitos deles procuram apontar a forma como, em Feira de Santana, as populações afro brasileiras e, especialmente, suas práticas culturais são perseguidas como elementos indesejados pelos dirigentes da cidade. Destaque aos candomblés, as marcas simbólicas e culturais de territorialização e as estratégias de depreciar as heranças de negros “degenerados”. A historiografia produzida sobre a poesia de Resende aponta para uma dinâmica de enfrentamento, suas representações encontram-se carregadas de oposições, construções levantadas sobre experiências de interdição e exclusão. As disputas de poder que atravessam os sentidos de oposição presentes na poesia de Resende são o objeto desse texto. Para além do enfrentamento, cabe mapear as táticas de (re)significação no representar das práticas suburbanas e os instrumentos para o arquivamento dos grupos negro brasileiros.

PRETOS, PARDOS, POETAS, SUBURBANOS

Situados seus enfrentamentos na década de 1930, o poeta sofre e disputa contra estratégias específicas de inferiorização racial. As memórias de Antonio Lajedinho ofertam rastros do trajeto de conflito que cercam Resende na sua condição de próximo as camadas subalternizadas e, ao mesmo tempo, sua condição de intelectual que escreve no principal jornal da cidade.

É interessante, mas quem menos publicava era Aloísio Resende. Ele foi discriminado por duas coisas: Primeiro porque ele falava... Sobre... É... Ele era favorável... Ele não era branco e nem era mulato... Ele era um... O cabelo dele era meio assim... Crespo e a cor... Eu não sei dizer assim... Um branco quase mulato... Mas ele adorava a cor negra, especialmente pelos candomblés, que naquela época candomblé era proibido... É, só a religião católica era permitida. Os primeiros crentes, como se chamavam na época, quando chegaram aqui, foram apedrejados... Mas ele era discriminado por isso. Toda poesia dele se referia a duas coisas: aos negros ou ao candomblé. Como o

candomblé era perseguido e com os negros havia uma discriminação, então, ele era discriminado.³⁴

“Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar com imagens e ideias de hoje as referências do passado.”³⁵. Ao revisitar suas lembranças sobre o poeta, Lajedinho se carrega de valores que o impede de caracterizar Aloísio com traços raciais “inferiorizantes”. O sujeito *branco quase mulato* é estranho/diferente de como a literatura que descreve o poeta.³⁶ O *cabelo meio assim... crespo e a cor... Eu não sei dizer* denunciam um cuidado de caracterização que outrora não fora problema de descrever como *em guerra com o pente*.³⁷ Possivelmente, uma carapinha que, ocasionalmente, se recusara a dobrar-se ao penteado da moda, pensado para lisos cabelos de homens brancos. No fim da citação, Lajedinho justifica a discriminação que Aloísio sofria devido sua adoração pelos negros e pelo candomblé, que tanto poetizava. Por ser defensor desse grupo, não por ser parte dele.

Quais os valores/referências que atravessam a memória de Lajedinho? Acaso poderia um importante poeta da cidade ser preto? Segundo Maria Sanches³⁸, a partir das décadas de 40 e 50, designações de cor, quando associadas ao lugar social, autorizavam que grupos mestiços (caboclos, mulatos, morenos) se alocassem sob a ambiguidade do termo pardo e negociassem sua posição na dicotomia entre pretos e brancos. Dessa forma, é possível acobertar as origens raciais de grupos não brancos entre nuances cromáticas num processo de branqueamento. A descrição de Lajedinho que procura negociar as ocultações possíveis quanto a sua tez negra, integra o jogo de máscaras/disfarces que tem demarcado a trajetória histórica das relações raciais no Brasil.

A trajetória histórica de construção das hierarquias raciais de exclusão são estimulados a partir do período republicano, quando as relações são camufladas sob um *jogo de dissimulação* que nega as hierarquizações sob critérios raciais vigentes nas decisões político jurídicas.³⁹ A estratégia da dissimulação, da negação de hierarquizações a partir de critérios

³⁴ LAJEDINHO, Antônio do. Entrevista para dissertação em Feira de Santana, 28 ago. 2008, **apud** SANTOS, Denilson Lima. **Op. Cit.** p. 33.

³⁵ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

³⁶ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “**Canções da cidade amanhecendo**”: **urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016; OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Aloísio Resende, poeta dos candomblés: histórias das populações negras em Feira de Santana-BA**. Feira de Santana: Samp Editora, 2011; SANTOS, Denilson Lima. **Nas rodas da macumba: os poemas de Aloísio Resende sob o signo da ancestralidade**. Dissertação de mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana: UEFS, 2009.

³⁷ HOMENAGEM a Aloísio Resende, **Folha do Norte**. 03 de Janeiro de 1943. MCS/CENEF.

³⁸ SANCHES; Maria Aparecida Prazeres. **As Razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador. 1889/1950**. Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2010, p. 134ss.

³⁹ ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Op. Cit.**

cromáticos desponta como um fator constante na trajetória histórica das relações raciais no Brasil. Para Gislene dos Santos, o processo de mitificação e posituação do mestiço, em Gilberto Freyre, ratifica concepções racistas sobre os negros e elementos africanos na cultura nacional. Em que pese as críticas as ideias do arianismo e uma suposta cultura nacional baseada pela associação harmônica e sensual de três raças, o mestiço é positivado apenas mediante a aproximação com os traços estéticos e culturais dos brancos, o branqueamento é tomado como trajetória de desenvolvimento cultural. “A cultura do mestiço é a cultura da negação do negro.”⁴⁰.

O exercício de associar a condição de mestiço como instrumento de afastamento da condição de negro e, por consequência, de valorização social, faz parte de um processo de branqueamento que pode ser associado a noção de democracia racial. Essa última tem como artifício de legitimação a comparação com outras realidades, principalmente dos EUA, contribuindo com a ideia de que as relações sociais entre brancos e negros, no Brasil, seria menos violenta/conflituosa.⁴¹ O periódico feirense *Folha do Norte* apresenta-se como importante disseminador dessas ideias entre os feirenses, por exemplo: *A situação dos negros na América do Norte*⁴², *o preconceito de cor entre os Yankees*⁴³; Textos carregados de indignação com a situação da população negra, nos EUA, povoam as páginas dos jornais. O *verdadeiro ódio ao negro*⁴⁴, comuns em terras estadunidenses, segundo o periódico, aparece em oposição à terra civilizada que comemora o 13 de Maio:

Essa triunfante notícia foi recebida por todas as classes com entusiasmo, sendo que d’este dia em diante o ex-captivo gozava de todos os seus direitos perante a sociedade. [...] Estudando-se o negro sob o ponto de vista do concurso que prestou à raça branca na formação da nacionalidade, tem-se de reconhecer que elle represente em toda a nossa história um contingente de primeira ordem.⁴⁵

O jornal não só celebra o fim dos tempos sombrios de escravidão, como também discute as marcas da cultura africana na sociedade do Brasil. A notícia do Congresso afro-brasileiro, ocorrido em 1934, no Recife, lembra Celso Vieira de falar das inserções da cultura afro-brasileira entre brancos, da infiltração da *macumba*: “Escandalosa tem sido a conducta dos brancos, livres e ocultos [...] desceram dahi ao terreiro do culto nagô, por involução ou

⁴⁰ SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade os negros**. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005, p. 165.

⁴¹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

⁴² A situação dos negros na América do Norte, **Folha do Norte**, 26 de Julho de 1930. MCS/CENEF.

⁴³ O preconceito de cor entre os Yankees, **Folha do Norte**, 08 de Maio de 1932. MCS/CENEF.

⁴⁴ **Ibidem**.

⁴⁵ 13 de Maio, **Folha do Norte**, 13 de Maio de 1933. MCS/CENEF.

por desequilíbrio.”⁴⁶. Vieira lembrou também da constituição miscigenada da identidade nacional, das permanências/resistências da cultura afro-brasileira.

[...] abolida há quarenta e seis annos, durante os quaes, por falta de assistência, fora impossível trazer o espirito africano a idealidade cristã, sem vislumbre de encantações e mandingas. [...] Mas a humanidade é tão colorida, tão misturada neste país, que lhe devemos perdoar, de quando em quando, um ligeiro mergulho nas aguas maternas do Zambete. [...] o nosso tempo já introduziu, quase universalizou a moda negra, desde Paris ao Rio. Entre o maxixe dos clubs e o sambas dos rádios, instala-se a magia preta com a nacionalidade zabumbante.⁴⁷

As penetrações culturais negro brasileiras são continuamente retomadas como elementos justificadores de uma composição cultural do Brasil. As falas harmonizadoras entre as diferentes influências que rabiscam um horizonte cultural comum à nação, remontam ao mito das três raças, sob uma espécie de monopólio branco europeu, que, no entanto, aparentemente, nubla as hierarquias que atravessam as relações raciais. Por mais que faça parte da composição cultural, tracejar elementos culturais negro brasileiros na cultura nacional está relacionado a um movimento espontâneo, inadequado, que necessita vigilância, controle. Claudio Santiago, ao elogiar a uma música escrita por Georgina Erisman, dá destaque a valorização mestiça da cultura nacional que a musica sintetiza.

A música brasileira, se é que já possuímos, gira em torno do triangulo isósceles: branco, amarelo e preto. O lado desigual e o maior, é, por força, o branco, porém a miscigenação imprimirá para sempre a sua ponderável influência.[...] Não há quem, por mais versado nos clássicos, por mais ilustre que a musica seja, não fique tomado de sublime enlevo, completamente embriagado pela delícia dos sons ao ouvir um sertanejo tanger uma viola, ao presenciar a musica barbara e asselvajada de um batuque ou candomblé.⁴⁸

Santiago primeiro chama a atenção para a resiliência da mestiçagem a imprimir sua influência na cultura nacional. A penetração dos *bárbaros e asselvajados* elementos culturais negro brasileiros à composição da nação é tomado como inevitável – ainda que ilustrados tentem, não há como resistir aos *batuques* – ao mesmo tempo que é elogiadamente incorporado enquanto resultado direto, “automático” da mestiçagem, fenômeno “autenticamente” brasileiro.

Ao incorporar grupos negro miscigenados a identidade nacional e a dinâmica que o Estado Novo regulamenta sobre os subalternizados, o mestiço é anexado enquanto signo do processo de branqueamento. Esse mestiço, idealizado na invenção da nação, para incorporar-se as práticas de ordenação social que estão se inserindo, tem de ser apartado da degeneração

⁴⁶ VIEIRA, Oscar. Magia Negra, **Folha do Norte**. 15 de Dezembro de 1934. MCS/CENEF.

⁴⁷ **Ibidem**.

⁴⁸ SANTIAGO, Claudio. Crônica Musical, **Folha do Norte**. 05 de Novembro de 1938. MCS/CENEF.

associada ao negro, isso é, se afastar da dinâmica de malandragem, preguiça, alcoolismo, entre outros.

Em alguns processos crimes⁴⁹, a condição de trabalhador era utilizada ora pelas testemunhas como tentativa de positivação da conduta, ora pelos promotores que usaram da falta do trabalho como artifício para desacreditar as testemunhas. Além da condição de trabalhador, num caso de homicídio⁵⁰, um réu, como forma de positivar-se, se descreve como pardo e católico no seu testemunho. Essas características serão negadas pelo juiz que, apesar de não citar a religião, o descreve como preto na sentença. Negar-se negro, ou tentar branquear-se, é uma tática de se afastar das representações que lhe acusam sempre culpado.

Olívia Cunha⁵¹ discorre sobre permanências de caracteres cientificistas que procuravam mapear traços biológicos, sociais e psicológicos dos criminosos nos procedimentos de atuação da polícia para a vigilância, a repressão e a recuperação de indivíduos através da *higye social*. Sujeitos negros são, nas décadas de 20 e 30, classificados segundo características físicas/biológicas (fisionomia) sobre a sua suposta tendência a conduta criminosa. A permanência de tais procedimentos legitimadores de práticas jurídicas racistas – ofuscados pela crença na mestiçagem – insinuava uma demanda maior de repressão para negros e mulatos, já que eles estavam com mais frequência entre os números relacionados a desordem, a vadiagem, entre outros. Caberia ao Estado proteger, vigiar e reprimir os negros (re)produtores dos “perigos internos e poluidores” da sociedade civilizada.

A incorporação das contribuições negro brasileiras a partir da harmonia racial, supostamente denunciada por um Brasil miscigenado, implicou em continuidades de hierarquização sob critérios raciais, o controle sobre os traços negros brasileiros seria regulado por políticas de higienização. As falas dominantes em elogio a mestiçagem são associáveis a um processo de negação, exclusão e silenciamento dos traços afro-brasileiros. A democracia racial implica num projeto de branqueamento contínuo que ratifica a exclusão e vigilância de determinadas práticas. A desafrikanização se alia as ideias branqueadoras, exclui-se aquilo que não pode clarejar. A forma como o samba carioca é positivado e

⁴⁹ Ver: Sumário. Vítima, Augusto Getúlio de Oliveira, 1937-1946. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 60 Doc: 1132; Sumário. Acusado, João de Tal. Vítima, Cícero Rodrigues, 1938-1974. CEDOC/UEFS, **Processo Crime de Homicídio**, E: 2 Cx: 40 Doc: 661; Sumário. Acusado, Zeferino Alves de Santana. 1941-1945. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 48 Doc: 804.

⁵⁰ Sumário. Acusado, Zeferino Alves de Santana. 1941-1945. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 48 Doc: 804.

⁵¹ CUNHA, Olívia Maria Gomes da, “1933: Um ano em que fizemos contato” In **Revista USP**. Dossiê Povo Negro – 300 Anos, v. 28(dez/fev), 1996, p.145.

integrado a identidade nacional a partir das incorporações feitas por uma classe média branca e da indústria cultural ratificam as interferências branqueadoras numa forma social, cultural, simbólica e rítmica negro brasileira. Wander Frota⁵² afirma que, nos anos 30, diferentes dos sambistas brancos ou mestiços claros de classe média, nenhum dos sambistas negros do período conseguiram se beneficiar materialmente, em vida, pelo seu talento, ou ao menos gozar do rebuliço das emissoras e das gravadoras de discos.

Aloísio Resende está ciente dos movimentos que mobilizam as relações raciais na década de 30, o poeta se aproxima das *sociedades de estudos africanistas*⁵³ em tramas de oposição aos que atacam *os costumes de nossa raça, nossa gente, de nosso povo*, leia-se pretos e mulatos, especialmente os candomblecistas. Demarcadas as especificidades das estratégias de, através da mestiçagem, apagar traços sócio culturais e violentar os grupos negros brasileiros da nação, seguimos as formas de oposição do poeta a esse processo.

POESIA E PODER

O poeta, boêmio que foi, vagara deslocado entre os meios civilizados do centro urbano e, ao aconchegar-se nos “selvagens” sambas suburbanos que versa se aproxima de outra experiência: A do literato enquanto observador⁵⁴. No processo de funcionalização da vida urbana, o poeta é espectador. Assiste, resistente à disciplinarização do tempo pelo capital, e vaga entre o cotidiano de trabalho e de sociabilidade dos trabalhadores acessando outras visualizações possíveis sobre a cidade, suas práticas e seus comportamentos. Ao versar suas observações, Resende transcreve as sensibilidades que atravessam suas experimentações pelos subúrbios.⁵⁵ O material da poesia é a experiência do terreiro. A descrição presente nos seus versos rabisca composições culturais negro brasileiras atravessadas de positivações que operam em oposição as atribuições de degeneração e exclusão.

⁵² FROTA, Wander Nunes. **Auxílio luxuoso: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e Indústria Cultural**. São Paulo: Annablume, 2003.

⁵³ RESENDE, Aloísio. Defendendo! **Folha do Norte**. 22 de Outubro de 1938. MCS/CENEF.

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁵⁵ Clóvis Oliveira e Josivaldo Oliveira apontam para a descrição de Aloísio no *Jornal Folha do Norte* e recorrendo as memórias de Antônio Lajedinho e Hugo Navarro, como sujeito também degenerado, pois é frequentemente associado às praticas suburbanas. OLIVEIRA, Clovis. **Op Cit.**; OLIVEIRA, Josivaldo Pires. **Op. Cit.**

Os versos de Resende serão aqui tomados como representações. Segundo Roger Chartier⁵⁶, as percepções sociais forjadas por determinado indivíduo interferem em suas estratégias e práticas. Os valores que atravessam a percepção social do boêmio, negro, e umbandista autorizam novas possibilidades de leitura das organizações sociais negras suburbanas que não só as postas pelos anseios civilizatórios dominantes encontrados nas denúncias do *Folha do Norte*⁵⁷. Ao representar, tracejar composições culturais negro brasileiras em verso, Resende dá forma, elabora imagens, desenha um cenário que autoriza a atribuição de significados e valores as configurações sociais e culturais dos grupos subalternizados. A visualidade dos negros e negras suburbanos, o cheiro do suor nas apertadas rodas de samba, os sons de atabaques e terreiros denunciam o deslocamento do olhar para outros grupos: para não brancos, não católicos, não civilizados. A imagem produzida é enquadrada. São salientados objetos para onde o olhar é voltado procurando os elementos legíveis da imagem: uma informação, um trecho separado, enquadrado para ser lido em específico. Uma imagem é destacada e nela estão os elementos a descrever, ficcionar, poetizar, historicizar.

As construções imagéticas sobre práticas afro-brasileiras que instituem a escrita de Resende são entendidas como produção de respostas a um contexto sócio-histórico de subalternização e apagamento. As representações atribuem novos significados a comportamentos/configurações já carregados de outros valores. O novo olhar, o enquadramento, autoriza que a nova representação (de Aloísio) em disputas com as já existentes, produziram novos significados sobre práticas já conhecidas, conseqüentemente, as práticas silenciadas passam a existir atravessadas por novos valores.

Entre as representações emergem e cruzam operações discursivas. Para além da representação, ao arquivar formas sociais e culturais negro brasileira ele (o poeta) disputa significados colocados sobre as condutas e sobre os corpos negros transeuntes dos subúrbios. Há um exercício de releitura dos valores concebidos por discursos que instrumentalizam disciplinarizações branqueadoras. Opera-se a fabricação de representações que enfrentam as colocações sobre os sujeitos, os vetores que os instituem ora como malandros indolentes, ora como bons mestiços trabalhadores. Resende aponta para a cultura negra suburbana a partir de caracterizações que destoam aos processos de subalternização; ao fazer isso, adentra as

⁵⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1990.

⁵⁷ Contra o charlatanismo e curandeirismo, **Folha do Norte**. 11 de Julho de 1931. MCS/CENEF; Superstições modernas, **Folha do Norte**. 30 de Janeiro de 1932. MCS/CENEF; Não está direito, **Folha do Norte**. 06 de Agosto de 1938. MCS/CENEF.

disputas de poder associadas à formulação de arquivos, a constituição dos sujeitos negros e negras a partir do significado social que eles/elas carregam.

Registrar as contendas do literato, as questões que atravessam suas rimas, é traçar cartografias sobre as operações discursivas que orientam as oposições nas representações do poeta. Ao reagrupar as imagens de negros e negras na Feira, como Resende arquiva traços sócio culturais negro brasileiros em suas poesias? Quais as marcas que constituem a cultura negra suburbana? Qual a cor dos pretos pintados em Aloísio?

Quando gradações cromáticas são diretamente proporcionais a conduta moral dos indivíduos e o afastamento dos traços negro africanos estão relacionados à elevação que desassocia os sujeitos da degeneração natural dos negros, os pretos de Aloísio seguem o caminho oposto e são pintados ainda mais pretos. Se ausentam das negociações que caminham ao branqueamento. Uma constante transpassa as descrições das festas de terreiro, elogiosamente versificadas pelo boêmio: os indivíduos que festejam nos versos do poeta não querem contar tempo. Melhor, contam-no como lhes apetece, fora dos ritmados dominantes que operacionalizam a disciplina da produção.

DAS REIVINCAÇÕES DE TEMPO

Vão rompendo a manhã. Sentinela perdida,
Asas ruflando, ao longe, um galo clarineia.
Vai-se do candomblé recomeçar a lida,
E o sol os raios solta, em forma de aura teia.
Em pleno céu dilui-se um retalho de lua,
Recebe o val da aurora seu primeiro beijo.
E no ar em festa, e no ar em trínolos, flutua
De alecrins e jurema o cheiro benfazejo.
[...]
De folhas o malafo, a recender se bebe,
E o ruivo caruru, todos comem de pé.
Bojudo caldeirão fumega junto à sebe
E, aos poucos, vai fervendo o esplendido café.
[...]
Irisa-se o levante. Alguém há que reclama
Em todo o canzuá. Ali ninguém mais dorme.
E, as filhas do pegi, no barracão, as chama,
O bater dos romplis, num barulhar enorme.
[...]
Deixam só de tocar os ruidosos tambores,
Quando some distante a maianga, que encanta,
Pela estrada, acordando, ao leito, os moradores,
Do alvorecer à luz aurirrosada e santa.
E a tentar, cada qual, mais bonita e louçã,
Vai seguindo dengosa em demanda da fonte,
De bailados enchendo a pláscida manhã,

Pois não tarda que o sol, entre os cerros, desponte.⁵⁸

O cenário convida aos primeiros momentos do dia, a indolência da neblina, aos sons dos tambores na noite antecedente. No entanto, não há bocejos nem vozes congestionadas de sono, não saíram os primeiros bons-dias, ninguém acordara, noite e manhã emendavam-se num contínuo. As auroras são frequentes nos versos de Resende⁵⁹. A noite de sono, de justo descanso dos trabalhadores é rapidamente transgredida, não por rebeldia, por festejo, algazarra. Mas por configurações sócio culturais que se orientam em ritmos próprios. O tempo que os norteia segue outros vetores, aleatórios a preocupações produtivas.

Ao retomar a industrialização que cruza os projetos progressistas alocados ao Brasil durante a ditadura estadonovista, retomamos também a forma como a positivação do mestiço está relacionada a pretensões dominantes de atribuição de valores positivos e morais ao trabalho. As camadas populares e, principalmente, as comunidades negras pobres foram relacionadas a um perfil psicológico e social que está ligado à preguiça, a indolência, a desordem.⁶⁰

O mestiço positivado é a idealização de perfil que autoriza o acesso ao brasileiro negro pobre, componente de um operariado emergente, de fugir ao perfil da malandragem. Ao positivar o trabalho, espera-se que as comunidades negras e pobres se adequem a disciplinarização do tempo pelo trabalho na sociedade capitalista, tal como ao determinismo técnico e desenvolvimentista europeu. Resende versa os pretos que resistem a expropriação do seu tempo ao varar a madrugada, as alvoradas carregam um sentido maior que o dá oposição: apontam para táticas de formatação cultura comunitária que reivindica ainda a posse sobre seu tempo. O tempo mantido para si, para os seus, para a ancestralidade nos santos e para a festa no terreiro.

Para além das intervenções nos instrumentos de contagem do tempo, na forma como o trabalho é orientado e na modificação dos costumes, o processo de disciplinarização carrega outras implicações de disputa com a forma sócio cultural negro brasileira. Os branqueamentos que condicionam a penetração negra aos ordenamentos dominantes ultrapassam questões cromáticas, baseiam-se em critérios sócio culturais para modificar ritmos, sentidos e modos de fazer. Branquear é monumentalizar práticas, costumes negro brasileiros de forma que os

⁵⁸ RESENDE, Aloísio. *Maianga*, **Folha do Norte**. 22 de Julho de 1939. MCS/CENEF.

⁵⁹ Ver: RESENDE, Aloísio. *Candombe*, **Folha do Norte**. 15 de Julho de 1939. MCS/CENEF; RESENDE, Aloísio. *No Bembé*, **Folha do Norte**. 29 de Junho de 1940. MCS/CENEF; RESENDE, Aloísio. *Terreiro*, **Folha do Norte**. 29 de Agosto de 1940. MCS/CENEF.

sentidos destoantes dos ordenamentos civilizatórios, disciplinadores e normatizantes sejam ocultados pelas novas significações propostas pelos valores dominantes sobre o trabalho e a conduta.

A cultura que Aloísio verseja, tal como o tempo metrificado, não se funciona em detrimento das construções/imposições dominantes, a cultura negra enunciada nas representações de Resende tem seu próprio caminho. Muniz Sodré⁶¹ descreve uma constituição cultural negro brasileira que extrapola os limites teóricos apontados pelos racionalismos ocidentais sobre a cultura e o comportamento. As articulações negras brasileiras são dispostas a partir de critérios próprios, participantes da heterogeneidade cultural brasileira, portanto em disputa e negociação com as interferências e anexações dominantes. Entretanto, inteligíveis, algumas vezes, sob outros formatos de organizações sócios culturais, outros mecanismos de atribuição de sentido/significado, outras formas de percepção sensorial sobre o território, a palavra e os imaginários.

Entre os diferentes processos de significação da conduta/cultura negro brasileira, emerge como curiosidade a forma como o poeta joga com os significados relacionados à trajetória dos suburbanos feirenses. Para Suzuki e Vasconcelos⁶², a escravidão é o instrumento de explicação para situar historicamente a aversão do negro pobre, que se coloca como malandro, ao trabalho. Segundo eles, para os homens negros, a ratificação da condição de livre está intrinsecamente relacionada à ociosidade, uma vez que o trabalho não oferecia quaisquer garantias de ascensão ou efetivação da condição burguesa. Pelo contrário, o novo trabalhador braçal assalariado está associado a uma condição de super exploração que remete as violências do trabalho escravo. Nesse contexto, chama a atenção que Resende traga, nos terreiros dos sítios, os barulhos de senzalas.

DOS SENTIDOS POSTOS: ESCRAVIDÃO, TERREIRO, MEMÓRIA

Do acetileno à luz no vasto pagodô,
Ágil mulata arisca, em revolutas, dança.
Fuzila seu olhar, que um brilho estranho lança,
E a roda canta o congo, em preces a Xangô.
[...]

⁶⁰ SUZUKI, Matinas. VASCONCELOS, Gilberto. “A malandragem e a formação da música popular brasileira”. In: **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano** Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

⁶¹ SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.

⁶² SUZUKI, Matinas. VASCONCELOS, Gilberto. “A malandragem e a formação da música popular brasileira”. In: **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano** Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

Rouco e surdo a roncar, rudo, roufêno e fundo,
Raucíssono tabaque o burgo acorda e abala.
Dá-nos toda a impressão de uma velha senzala,
Esta cena infernal de coisas do outro mundo.⁶³

Chama a atenção o poeta remeter a senzala como elemento de caracterização da reunião negra daquele momento, tendo em vista os valores depreciativos associados a escravidão e, principalmente, a condição de cativo. Negros após a escravidão precisam/anseiam dissociar sua imagem da condição de cativo⁶⁴. Ao arquivar, elogiosamente, junto as noites de terreiro, as *velhas senzalas*, Resende destoa das produções discursivas que incidem sobre as caracterizações raciais naquele momento. Pois, aos que se voltam a herança africana, descrevem-na enquanto natureza degenerada de negros africanos. Aos que procuram positivar a contribuição negro brasileira no cenário nacional incide um processo de negação dissimulada desses traços.⁶⁵

É possível que a *velha senzala* de que fala Resende, dialogue com a experiência de território da abolição colocada por Walter Fraga⁶⁶. Para ele, a memória sobre o mundo dos engenhos ultrapassa os dias difíceis da escravidão e incorpora a dimensão comunitária construída na agricultura de pequenas culturas alimentícias, e nas sociabilidades compartilhadas, inclusive no culto de deuses e santos.

Ana Rios e Hebe Matos,⁶⁷ nos usos da memória, apontam conformações comunitárias elaboradas a partir de trajetórias associadas à experiência escravista. Falando da Feira, Railma Souza⁶⁸ se ocupa de operações de memória relacionadas as heranças da escravidão na constituição da comunidade da Matinha dos Pretos e do Candéal. As narrativas elaboradas pela memória funcionam como mecanismos acusadores de associações entre as experiências comunitárias rurais negro brasileiras e as continuidades ou rupturas sobre as dinâmicas elaboradas ao longo da escravidão. Através da memória, experiências de escravizados e ex-

⁶³ RESENDE, Aloísio. *Candombe, Folha do Norte*. 15 de Julho de 1939. MCS/CENEF.

⁶⁴ Ver: FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870 - 1910)**. Campinas, CP: Editora da UNICAMP, 2006; ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889 – 1923)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/, 1999. SANCHES; Maria Aparecida Prazeres. **As Razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador. 1889/1950**. Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2010.

⁶⁵ Esses procedimentos de (re)atribuição de sentidos sobre as heranças escravistas e negro brasileiras no cenários culturais da nação estão também nas reportagens do *Jornal Folha do Norte* citadas anteriormente. Os comentários de valorização da mestiçagem procuram apagar ou representar de forma negativa a experiência escravista no Brasil, comemorando o 13 de Maio.

⁶⁶ FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870 - 1910)**. Campinas, CP: Editora da UNICAMP, 2006.

⁶⁷ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

escravizados oportunizaram narrativas legitimadoras da constituição comunitária e, também, de significação do território.

Ao compreender o espaço, a paisagem, como prática narrativa, ou seja, como produto de vetores de significação estabelecido pelo relato⁶⁹, é possível deduzir interferências da memória e da experiência na determinação de significados sobre o território. A definição de senzala posta nas representações de Resende denuncia acepções compartilhadas, sentidos postos e disputados na caracterização da paisagem que abriga a comunidade. As representações se aproximam das narrativas, das experimentações suburbanas de forma que a *velha senzala* indicia uma dinâmica de ancestralidade que pode transpassar o cotidiano dos subúrbios.

A paisagem montada pelo poeta é arquivada perante os discursos branqueadores que alteram/apagam as composições sócio culturais negro brasileiras. Resende narra a religiosidade africana denunciando estranhamentos. *A cena infernal de coisas do outro mundo* fala do estranhamento com a realidade urbana, civilizada e católica da cidade de Santana. O *burgo*, a cidade, quando acorda ao som *infernal* de atabaques, se ocupa de reprimir o “animismo fetichista” dos negros. Os estranhamentos contribuem com regimes de exclusão e perseguição dos comportamentos indesejados.

Resende monumentaliza as heranças africanas diante o risco de apagamento pelas perseguições dos dominantes, ele registra modos de fazer e de interagir com o território sob o signo da religiosidade, do candomblé.

À noite, no terreiro, ao luar que surge,
O povo todo se comprime, aos tombos.
Corre, célere, de mistura, em torno,
De suor um forte, irresistível bafo.
[...]
E o som dos atabaques, nada parcos.
Dentro da noite, ríspido, retumba.
É a decantada, a célebre macumba,
Nos porões vinda dos negreiros barcos
[...]
E freme o samba. Toda, agora, se abre
A roda, toda... A noite avança. E, alvente,
A lua, ao meio, a face, tristemente,
Cortada, mostra, a golpe de éreo sabre.
[...]
Rola o batuque. Sob o céu jucundo
Que de oiro e rosa a fresca aurora traça,
Ouve, batendo, quem no sítio passa,

⁶⁸ SOUZA, Railma Santos. **Memórias da Escravidão na Princesa do Sertão: Matinha dos Pretos e Fazenda Candeal na historiografia da escravidão (Feira de Santana 1845 - 1945)**. Monografia em História. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

⁶⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 201.

Os atabaques, muito longe, fundo.⁷⁰

O *sítio* ou a roça se distingue de uma lógica ocidental cartesiana de sistematização do espaço. Os sítios que redesenham a paisagem rural mediante as pequenas propriedades significadas por olhares negros de leitura/interação com o espaço denunciam uma composição distinta do ideal urbano de ordenamento territorial. Clóvis Oliveira⁷¹ chama a atenção para como a apresentação de Resende sobre os subúrbios, com seus traços rurais, seus comportamentos transgressores e seus barulhentos terreiros que apresentam uma arquitetura própria para o traçado de significados que ultrapassam os limites da cidade. Que não compõem um modo de fazer urbano. E, portanto, usufruem de liberdades para territorializar sua ancestralidade.

Dois episódios carregam enunciados próximos do que o poeta verseja. O primeiro caso é de um sábado a noite. A Feira parecia empolgada para *brinquedos*. Avelino Lourenço, 25 anos, roceiro e preto ficou sabendo de um no Tomba e foi pra lá. Sua tia Isaura, aparentemente sem planejar, acabou armando um samba na casa dela também. Alvino, 22 anos, roceiro, que já estava a caminho do Tomba, soube de alguém que o *brinquedo* por lá estava acabando, mas que na casa de Isaura teria esse samba e pegou o caminho da casa de Isaura, parece que convites e formalidades não eram necessários. Lá pras duas da manhã, Avelino, *já muito esquentado (alcoholizado)*, seguia para casa quando ouviu o barulho e resolveu *tomar parte na brincadeira* da casa de sua tia. Entre as *valentias e bebedeiras* dos sambas no subúrbio, Avelino matou seu compadre Ovídio, também roceiro, de 40 anos e também preto. Ao tentar deter Avelino, morreu com um tiro dado pelo seu cunhado e *compadre na hora quente* da discussão.⁷²

O segundo episódio é mais um Homicídio ocorrido durante uma festa em casa. Dessa vez no Rosário, também subúrbio da Feira, na casa de Florentino Bispo, lavrador. Em meio a um jogo de capoeira João de Tal matou com um tiro Cícero Rodrigues, 20 anos, lavrador e preto.⁷³

[...] decorreu de uma brincadeira entre ele e João, estando Cícero com uma faca e João com uma pistola e que em um dado momento, quando Cícero se abaixava

⁷⁰ RESENDE, Aloísio. *Terreiro, Folha do Norte*. 29 de Agosto de 1940. MCS/CENEF.

⁷¹ OLIVEIRA, Clóvis, **Op. Cit., p. 313.**

⁷² Sumário. Acusado, Avelino Lourenço. Vítima, Ovídio Angelo, 1943-1946. CEDOC/UEFS. **Processo Crime de Homicídio**, E: 1 Cx: 27 Doc: 493.

⁷³ Sumário. Acusado, João de Tal. Vítima, Cícero Rodrigues, 1938-1974. CEDOC/UEFS, **Processo Crime de Homicídio**, E: 2 Cx: 40 Doc: 661.

para apanhar seu chapéu que cahira, ao levantar-se recebeu um tiro despachado pelo denunciado [...] ⁷⁴

A capoeira, o samba, o candomblé fazem parte dos episódios que contam a trajetórias dos suburbanos. Segundo Lajedinho, estavam alocados os terreiros “quase sempre em roças onde os vizinhos eram colegas ou admiradores” ⁷⁵. Os episódios dos processos crimes contam de territórios onde negros se sentem a vontade para manifestar seus costumes que (re)significam o território. Os barulhentos sambas e as valentias dos capoeiras enquanto “inadequados” a civilidade centro urbana, parecem autorizados pelas táticas suburbanas de consentimento sobre as condutas e a paisagem.

Muniz Sodré ⁷⁶ lê o território como construção capaz de projetar regimes de relacionamento, relações de proximidade e distância. Para ele, o território está relacionado à organização comunitária, aos ordenamentos simbólicos, ao lugar de atuação dos grupos sociais e, portanto, a identidade individual/grupal. As ressignificações aloísianas e as práticas negro brasileiras registradas nos processos validam narrativas de outro território, o subúrbio, falam também sobre outra comunidade, a suburbana. Falam sobre ordenamentos sociais e territoriais afro-brasileiros.

Ainda segundo Sodré, existe entre as populações negras escravizadas um patrimônio simbólico (mítico/político/religioso) resultante do processo diaspórico. O terreiro é o exemplo de como os africanos, membros de uma civilização afastada de seu território físico, desenvolvem a possibilidade de territorializar, na diáspora, através de um patrimônio simbólico consolidado no saber vinculado à religiosidade, uma nova forma de organizar o território. É possível falar de uma cultura negra brasileira consequente dessa reterritorialização condensadora que propiciou a fabricação de novos espaços, onde estava, em primeiro plano, a preservação de um patrimônio simbólico responsável pela continuidade da cosmologia africana no exílio. Reterritorializações elaboradas sob o signo da ancestralidade africana.

Como desviantes personalizações das sociabilidades urbanas, estão as ressignificações dos espaços de sítios para as noites barulhentas nos terreiros que redesenham o território. Organizações espaciais que destoam dos limites cartesianos de ruas e avenidas, dos limites dos quintais, das cozinhas, das casas. As noites de samba insinuam produções outras de sociabilidade. Sociabilidades não urbanas, rituais religiosos estranhos aos hábitos civilizados

⁷⁴ **Idem.**

⁷⁵ LAJEDINHO, **Op. Cit.**; p. 95

⁷⁶ SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**, p. 14ss.

dos cidadãos. Como indício das customizações que atravessam as práticas culturais suburbanas feirenses, despontam também lideranças. Resende versa de alguns lugares gravados em suas memórias: as noites de candomblé da Mãe Filha, sua mãe de santo, na Lagoa da Taboa⁷⁷.

DAS LIDERANÇAS

Entre a opala do céu e a esmeralda da terra,
Alvejando na várzea à luz do sol que brilha,
Vê-se, frente ao levante, a casa de mãe-filha,
Que da negra macumba os mistérios encerra.
Nos pegis, a figura impressionante avulta
Da grande ialorixá, que a todo mal dá jeito.
E desfruta tal fama e goza tal conceito
Que a gente diante dela e em torno dela exulta
[...]
Estimam-na bastante ogans e orixafis
E beijam-lha nas mãos com toda reverência,
Que é tida e havida como a pura quintessência
Do ebó que a vida atrasa e a vida faz feliz.
Fala-se que sua alma é tão nobre e tão tersa,
Que a frouxa claridade anêmica da lua,
Na mística lagoa enorme da Tabua,
Com o próprio zambiapungo, horas mortas, conversa.
De encantados sem par a prestimosa dona,
Sacerdotisa, enfim, de Nanan Burucu,
Que favores iguais recebe de Omolu,
É a melhor curandeira, aqui, de nossa zona.⁷⁸

As homenagens de Resende indiciam um lugar social das mães de santo nos candomblés da cidade. Mãe Filha figura, um lugar social de prestígio e consideração *aqui, em nossa zona*. A condição de sacerdotisa, de curandeira, além das ligações afetivas entre filhas e filhos, dos curados por suas sabedorias, dos que sambavam ao som de atabaques nas festas noturnas, aproximam-na dos sujeitos participantes dos candomblés da Feira e atribuem a ela uma função social na vida comunitária. Dizia Jorge Amado que nos seios das mães de santo cabe “a aflição dos filhos e filhas e de estranhos e estrangeiros. São arcas de desesperos e rancores, de esperanças e sonhos, são cofres de amor e ódio.”⁷⁹

Existem na historiografia brasileira alguns trabalhos que já atribuem funções sociais a mulheres negras entre comunidades subalternizadas e miscigenadas. Como exemplo,

⁷⁷ Segundo Oliveira, localizada nas proximidades de São José, atual distrito de Maria Quitéria; OLIVEIRA, Clovis. **Op. Cit.**, p. 76.

⁷⁸ RESENDE, Aloísio. *Mãe Filha, Folha do Norte*. 04 de Maio de 1940. MCS/CENEF.

⁷⁹ AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**: romance. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.85.

Elizabete Silva⁸⁰, ao falar das charuteiras do recôncavo baiano, atribui às mulheres componentes desse espaço um caráter/ lugar social. Segundo Silva, a produção de tabaco e a fabricação de charutos modificaram as relações sociais, as instituições e os valores dos grupos: traduziram o "estilo de vida e psicologia social de sua gente".⁸¹ Maria Odila fala de mulheres escravas e libertas que "gozavam de prestígio e influência entre os próprios escravos, tornando-se líderes do seu convívio social e religioso"⁸².

Menininha do Gantois, figura importante na luta em defesa do candomblé, é outra sacerdotisa homenageada entre os versos de Resende⁸³. Em Feira, para além de Mãe Filha, Sinhá Candinha deixa registros, também de *celebre curandeira*⁸⁴. Gabriela Nascimento, a partir das teses de Faculdade de Medicina da Bahia, afirma a importância e a extensão da influência de Sinhá Candinha, na região e discorre sobre o protagonismo feminino na cultura afro brasileira.⁸⁵

A fama de negros e negras deixam suas marcas nos espaços/paisagens feirenses, suas significações sobre o espaço deixam vestígios: Artíficos religiosos que tornam a presença negra ainda mais indesejada às ruas da cidade. São eles vestígios da incivilidade, da degeneração de negras(os) e carregam significados que se projetam na cultura negro brasileiras. Em Resende, são esses artíficos, os bozós:

Bozó, que o vulgo o faz de pipoca e novelo,
De pano de cor preta e de cor encarnada,
Que a gente se amedronta e se apavora ao vê-lo,
Solto ali, para o mal, na paz da encruzilhada;
[...]
Bozó, que a todo mundo assusta e atemoriza,
Que surge muitas vezes, à soleira de portas,
Não por raro dá-se mal que por cima lhe pisa,
Na sinistra mudez das negras coisas mortas.
[...]
Bozó de que a gentalha à volta se aglomera,
Alegre da surpresa, em clamorosa grita,
Entanto, algum receio em cada qual impera
De tocar, por gracejo, a mixórdia esquisita.
Bózo, que mete medo a quem por ele passa,
Que aparece, à manhã, nas esquinas disperso,
É prenuncio para uns de próxima desgraça,
Outros lhe dão, porém, sentido bem diverso.⁸⁶

⁸⁰ SILVA, Elizabete Rodrigues da. "Recôncavo Fumageiro: Palco de uma fisionomia social e cultural" In. **Fazer Charutos: uma atividade feminina**. Dissertação (mestrado em História). UFBA - Salvador, BA, 2001.

⁸¹ **Ibidem**, p.26.

⁸² DIAS, Maria Odila L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2 ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁸³ RESENDE, Aloísio. **Menininha, Folha do Norte**. 10 de Agosto de 1940. MCS/CENEF.

⁸⁴ Sinhá Candinha morreu, **Folha do Norte**. 22 de Junho de 1935. MCS/CENEF.

⁸⁵ SILVA, Gabriela do Nascimento. **Na Terra de Nanã: Candomblés, Territorialidade e Conflito em Feira de Santana (1890-1940)**. Dissertação de mestrado em História. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2016.

⁸⁶ RESENDE, Aloísio. **Bozó. Folha do Norte**. 04 de Maio de 1940. MCS/CENEF.

Em Chartier, as representações produzem estratégias e práticas. Por exemplo, as percepções sociais sobre os bozós: *gera espanto, medo, aglomerações, apavoram a alguns*. Os aparecimentos indesejados dos bozós no centro, as vezes nas portas, produz uma reação de significação imediata: *é prenuncio de desgraça, ou é coisa diversa*. Para Carlo Ginzburg⁸⁷, representação diferencia a palavra, a ideia e a coisa, e torna possível que ambas as coisas coexistam sob um mesmo objeto, uma representação por assim dizer. Os bozós denunciam esses procedimentos de múltiplas significações possíveis, de representação que torna presente aquilo que não se materializa.

Oliveira⁸⁸, a partir dos jornais, já trata de como os bozós provocam reações aos moradores e comerciantes do centro urbano feirense. Para além disso, deve-se ressaltar os efeitos de significação, as operações discursivas que transpassam a presença dos bozós. Resende chama a atenção para os sentimentos provocados: o medo, o espanto, o temor. Nos bozós aterrissam as ameaças de “degeneração” da cultura negra, se estendem as incivildades dos sambas e dos barulhos, se manifestam os malignos espíritos não católicos. A presença dos bozós na cidade opera significações que se estendem a práticas indesejadas ao centro urbano.

O procedimento de significação que atravessa os bozós no centro urbano da Feira sintetiza as disputas em torno dos traçados culturais negro brasileiros emergidos na poesia de Resende. O guardar múltiplos sentidos, sentidos esses que são disputados por grupos opostos, é um processo posto sobre as muitas manifestações da cultura negra brasileira versada em Resende. O bozó que pode ser instrumento de vingança, ritual religioso, processo natural da cultura, pode ser, ao mesmo tempo, sinônimo de degeneração, incivildade, pecado.

O poeta, experimentado na cultura que se forma no cotidiano dos subúrbios, traceja(representa) práticas que customizam determinações dominantes enquanto que elaboram, a seu gosto, composições afetivas, simbólicas, espaciais. Experiências comunitárias negro brasileiras que, expulsas do centro, se aglomeram e (re)significam os subúrbios. Esses processos encontram-se emergidos em relações de poder que interferem sobre os caminhos/sentidos tomados pelas culturas subalternizadas. A beleza dos versos de Resende emerge dos afetos, da luta, das oposições e das violências do processo de subalternização, dos

⁸⁷ GINZBURG, Carlo. “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁸⁸ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Adeptos da mandinga”: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970)**. Tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador: UFBA, 2010.

bocados de tristeza que autorizam, embelezam e gritam em verso produzindo registros, denunciando discursos, refazendo arquivos.

CAPÍTULO 2: RUMO AOS CAMPOS

Lá nos vem eles com o clássico garrafal RUMO AOS CAMPOS. Começam, descrevendo os laranjeiras da Califórnia, bananeiras da Jamaica, algodões do Ceilão, canaviais do Transvaal, etc., por fim, terminando por verberar os tabaréus de preguiçosos, e indolentes, carrancas, jecatus etc. Deus os converta. [...] bem dito seja tudo, maldito seja o lavrador, abençoado seja tudo, o lavrador seja seu escravo. Filhos De uma religião que chama o mundo do – valle de lagrimas – e que canta o sofrimento, nós lavradores, já nos acostumamos com a desgraça, e d'ella temos saudades nos dias de folga; como como bois de carro que lambem a canga no dia que não trabalham.⁸⁹

Reclama Pedro de Araújo das amarguras da lavoura e da desvalorização. Estão nas reclamações as imagens do lavrador nordestino, do sertanejo, do sofrimento e da fome. Também da terra árida, da secura, afinal, são os “factores naturaes instrumentos de auxilio e tormento [...] que não estão em nossas mãos os evitar e os procurar: chuva-sol-tempestades-ventos-insectos (como ultimamente a peste das lagartas)”⁹⁰. Para completar, como se fossem poucas as dificuldades da lavoura, há o Estado cercando-os de impostos, cobranças, controles, vigilâncias. Instrumentos que desvalorizam suas culturas. Nesse contexto, inevitavelmente, o fumo, a principal cultura da região, é afetado. *De todos os lavradores, o mais desgraçado é o lavrador de fumo e mandioca*. Mayara Plácido Silva⁹¹ mapeia os espaços de experiência, principalmente, dos lavradores de Feira de Santana, e assim aponta uma série de configurações próprias dos arranjos de sobrevivência dos trabalhadores negros no pós-emancipação.

Segundo Silva, a produção rural nos subúrbios da cidade, no pós abolição, está relacionada a experiência de liberdade de libertos e ex-escravos. As terras, próprias ou arrendadas, de cultura de fumo e mandioca, por exemplo, muitas vezes fazem parte de uma organização fundiária de pequenos proprietários que se apresenta como continuidade das experiências da escravidão. A partir do recenseamento e dos registros dos lavradores, nas primeiras décadas do século XX, delineia-se em Feira de Santana um cenário de lavradores pequenos proprietários, em sua maioria não brancos. Em que pese a diferença do recorte, não me parece que as configurações raciais dos lavradores, nos subúrbios da cidade, tenham se alterado até a década de 1930 e 1940.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1940, dos 83.238 habitantes de Feira de Santana no período, 23.580 (28,3%) foram considerados pretos e

⁸⁹ ARAUJO, Pedro de. Pobre lavrador. **Folha do Norte**. 12 de Março de 1932. MCS/CENEF.

⁹⁰ **Ibidem**.

⁹¹ SILVA, Mayara Plácido. **‘Revolução sem sangue’ na ‘decantada pátria de Lucas’: Experiência de trabalhadores/as negros/as e migrantes no pós-abolição. Feira de Santana (1890 – 1930)**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós Graduação em História. Salvador, 2017.

49.510 (59,4%) foram considerados pardos, enquanto que apenas 10.232 (12,2%) compunha a população branca.⁹²

Ocupamo-nos aqui, portanto, dos *desgraçados lavradores* negros, nos subúrbios da cidade, que para além do trabalho agrícola, participam também da venda dos seus produtos nas feiras do centro. A importância do trabalho desses lavradores no comércio do centro urbano implica em interferências, vigilâncias, significações dominantes sobre seus modos de fazer. Compreendendo que o trabalho desses sujeitos se estende em sentidos próprios sobre o tempo, a paisagem e o cotidiano, me ocupo das disputas que incidem sobre as configurações sócio-culturais desses grupos.

Apontadas a cor e as ocupações que cercam os personagens desse capítulo, uma primeira noção norteia a trajetória que pretende-se traçar: a de campesinato negro. Trata-se de refazer o caminho que elabora a paisagem dos pequenos lavradores negros que ocupam os subúrbios da cidade, que elaboram trajetórias de significações sobre o tempo e o lugar, ressignificando o território, produzindo as culturas à venda nas tumultuadas segundas de feira que desorientava alguns ritmos da urbe.

OS NEGROS CAMPONESES

Pensar campesinato negro faz parte de um deslocamento historiográfico do olhar para as populações negras no Brasil, principalmente no que se refere à história da escravidão. Ana Rios e Hebe Mattos⁹³ apontam para a década de 70 como momento de revisão das leituras historiadoras sobre o a escravidão e o pós-abolição. A história social da escravidão, na década de 70, ao incorporar o conceito de escravo como agente autoriza que novas interpretações, para além da estrutura escravista, desenhem a trajetória histórica dos negros no Brasil.

Flavio Gomes⁹⁴ cita Ciro Cardoso que, em 1979, fala de uma *brecha camponesa* no sistema escravista do Brasil. Tal expressão se refere à conquista de parcelas de terras por escravos para cultivo próprio. Novas possibilidades sobre a escravidão emergem junto com essa leitura; há de se falar agora sobre camponeses proprietários e camponeses não

⁹² BRASIL. IBGE: Serviço nacional de recenseamento. **Série regional. – Bahia. 1940.** Disponível em: < http://www.channah.com.br/meb/ia_visualiza_bd/ia_vdados.php?m=3261&n=censo1940vol12t1ba >. Acesso em: 02/05/2016, às 16:56.

⁹³ RIOS, Ana Lúgão; MATTOS, Hebe Maria. **Op Cit.**

⁹⁴ GOMES, Flavio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.

proprietários, sobre atividades camponesas de quilombolas e de *protocampesinato* escravo nas roças concedidas. A ampliação continua, Gomes ao abordar as experiências de cultivo no sistema de roças aponta para mercados locais sustentados pela produção de escravos ou libertos. A circulação de mercadorias nas feiras autoriza também a circulação de informações e culturas, a experiência campesina é estendida, são forjados modos de fazer, trajetos de significação sobre o tempo e a paisagem, conformações culturais e simbólicas.

Walter Fraga Filho⁹⁵, ao tratar das conformações campesinas nos entornos dos engenhos do Recôncavo, descreve o processo de consolidação das comunidades negras camponesas como continuidade das bases colocadas pela estrutura escravista. Para além da *brecha camponesa* e do sistema de roças enquanto estruturas de dominação, Fraga aponta para comunidades que, ainda que permaneçam aproximados e com relações com seus ex-senhores, reivindicam a condição de livre. Estão ali comunidades, redes de solidariedade estabelecidas agora sob outro formato de produção e de construção, organização e experimentação do espaço que não mais pertencentes as bases escravistas, ainda que em relação com seus ex-senhores. Fraga procura chamar atenção às permanências de alguns fatores da escravidão nas relações construídas pelos libertos camponeses.

As continuidades apontadas por Fraga não negam as rupturas em que estão inseridas à constituição das comunidades camponesas. Retomo a leitura de Fraga para argumentar que os deslocamentos históricos das camadas subalternizadas sobre seus modos de fazer se dão também em pequenas alterações/customizações sobre determinações dominantes. Deve-se entender que a intensidade das alterações que a experiência negra campesina produz está relacionada com processos de ressignificação sobre tempo e espaço, a autonomia econômica e a reafirmação simbólica cultural sobre o território são entendidas enquanto táticas de sobrevivência diante das estratégias dominantes.⁹⁶

Falamos aqui da trajetória das populações negro brasileiras num processo contínuo de mobilização/alteração das construções da paisagem, segundo vetores de poder que incidem sobre seus modos de fazer. Se outrora o regime escravista, enquanto aparelho mental, autorizava algumas configurações sócio espaciais de dominação, o pós abolição autoriza que a população egressa do cativeiro e seus descendentes produzam novas significações, regimes discursivos sobre o espaço, isto é, sobre o deslocamento das possibilidades de interação com a paisagem.

⁹⁵ FRAGA FILHO, **Op. Cit.**

⁹⁶ CERTEAU, **Op. Cit.**

Há de se considerar que os processos de significação estão constantemente mediados por disputas de poder. As significações negro brasileiras disputam com vetores dominantes de subalternização dos espaços construídos.⁹⁷ Nas primeiras décadas do século XX, em Feira de Santana, alguma literatura aponta para um processo de inferiorização do cenário suburbano rural, dispositivos do discurso enunciam movimentos de subalternização do cenário ruralizado do subúrbio enquanto incivilizados, desordeiros. Há apenas no progressista centro urbano a higiene, civilidade e a ordem que se espera dos grandes centros.

Eronize Souza⁹⁸ já apontava para configurações suburbanas da cidade como espaço destoante dos discursos civilizadores centro urbanos, lá estava a bebedeira, o samba, o candomblé e as violências dos muitos homicídios cometidos por lavradores com enxadas e facões, instrumentos utilizados no trabalho da roça. Posteriormente, Chintamani Alves⁹⁹ acrescenta aos estudos das ruralidades feirenses os conflitos nos distritos e subúrbios por questões em torno da posse e da propriedade da terra e a destruição de cercas e de plantações por animais ou por terceiros, tais conflitos ressaltam as intenções econômicas que atravessam a produção dos lavradores. Relembremos também os *desgraçados lavradores de fumo e mandioca* citados no início do capítulo. Silva¹⁰⁰, se ocupa de tratar da lavoura de mandioca, na Feira, e desenha, através dos inventários, um cenário de produção relacionado ao trabalho coletivo e familiar inseridas na dinâmica de agricultura produzida por sujeitos relacionados à experiência negra campesina de ocupação da terra. A produção narrada está relacionada a uma produção artesanal, trabalho *dispendioso e moroso, primitivo*¹⁰¹, associável às organizações produtivas diferentes das civilizadas plantações nas fazendas e diferentes das outras agriculturas de beneficiamento que requerem menos tempo de produção, que exigem outros comportamentos, outros ritmos de trabalho.

Os conflitos que atravessam a interação negra campesina com o espaço e com o trabalho apontam para formatos de produção e de ocupação da terra que seguem ritmos próprios, desenham paisagens que destoam e disputam com as civilizadas dinâmicas

⁹⁷ Entendemos espaço enquanto prática de relato. Portanto, o que está em disputa são os sentidos atribuídos ao espaço (paisagem) de forma que determinam sobre o que o espaço é. Aquilo que o relato, ou seja, as operações discursivas dizem sobre determinada paisagem estabelecem sentidos/significados, ou seja, determinam a forma como a sociedade interage com aquele espaço e quem o ocupa. CERTEAU, **Op. Cit.** p. 201ss.

⁹⁸ SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da valentia: violência e modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)**. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2008.

⁹⁹ ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da terra: conflitos no campo na terra de Lucas**. Dissertação de mestrado. Feira de Santana: UEFS, 2013.

¹⁰⁰ SILVA, **Op. Cit.** p. 163ss.

¹⁰¹ Silva retoma um jornal do fim do século XIX que descreve a lavoura de mandioca dispendioso, moroso e primitivo. Alguns escritos de Eurico Alves Boaventura, também citados por Plácido, reafirmam o suposto caráter primitivo da lavoura de mandioca. Silva, **Op. Cit.** p. 164.

produtivas tomadas como referência para chamar *primitiva* a produção da mandioca. O campesinato negro, para além da continuidade das bases escravistas, configura-se numa autonomia no mundo do cativo¹⁰² e, por isso, institui para si formatos próprios de produção, interação, construção narrativa/discursiva das comunidades sobre o espaço e o ritmo de trabalho.

O *Folha do Norte*, na década de 1930, já apontava para operações de apagamento das práticas construídas ao longo da experiência negro brasileira. Ao chegar nos ditos civilizados espaços centro urbanos, a produção rural se estende pela feira livre e é marcada pelos discursos inferiorizantes do higienismo. Instituições, como o *Posto de Prophylaxia Rural*, funcionam como dispositivos que legitimam o discurso de que o asseio é indispensável para o cumprimento das *medidas impostas pela hygiene como acauteladoras da saúde e da própria vida dos consumidores*.¹⁰³ Animais criados soltos pelos subúrbios ocuparam também as largas avenidas da *Princesa* no dia que a feira se estende *inapropriada* pela rua. Os jornais lembraram de acusar criadores e reclamar dos animais, dizê-los impróprios à civilidade.¹⁰⁴

Além dos animais, a *gente de toda casta* que preenche a *feira de Feira* apontam para a cor imprópria ao cotidiano do supostamente polido e *higienico* centro urbano. Os muitos *tabaréus* no Cartão Postal a seguir sinalizam para a presença majoritária negro brasileira nas feiras montadas com a produção rural vinda dos arredores da cidade.

¹⁰² SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. **Travessias e tramas: fragmentos da vida de africanos e afro-brasileiros no pós-abolição – (1888 – 1930)**. Salvador: EDUNEB, 2016.

¹⁰³ Requer muito asseio o mercado de farinha. **Folha do Norte**. 06 de Agosto de 1932, MCS/CENEF.

¹⁰⁴ Não atravanquem as ruas com animais de carga. **Folha do Norte**. 18 de Janeiro de 1930, MCS/CENEF; Recolham seus animais a lugares apropriados. **Folha do Norte**. 07 de Fevereiro de 1931, MCS/CENEF.



Praça do comércio. Dia de feira [livre]. Feira de Santana. À direita o prédio da Prefeitura Municipal. 1936, Dedicatória: *Para você. A feira de Feira. Haja tabaréu*. Fonte: Museu Casa do Sertão/ UEFS.

A fotografia do Cartão Postal foi tirada na praça da feira, conhecida também como Praça da Bandeira. Como a legenda aponta, no canto superior direito é possível perceber uma parte do prédio da prefeitura. As muitas cabeças pretas, cobertas por chapéus simples, apontam para o momento de ocupação da população negra rural sobre o centro nas segundas-feiras. O guarda – mais a frente –, também negro, sugere a coloração da população pobre ocupante dos cargos mais simples da cidade. A expressão *Haja tabaréu*, descreve o “excesso” de gente incivilizada que faz a feira e também a Feira, a imensa maioria deles e delas, pretos e pretas. A feira concentra no centro urbano as figuras que desenham as paisagens rurais dos subúrbios.

Os hábitos camponeses, negro camponeses, estão opostos aos discursos civilizadores que legitimam exclusões. Ao final da década de 30, as plantações de algodão ilustram tentativas de normatização e disciplinarização dos modos de fazer negro brasileiros.

AS BOAS NOVAS DO OURO BRANCO

Entre os municípios algodoeiros da Bahia bem poderá vir a alcançar lugar de destaque a Feira de Sant'Anna, cujo sólo e condições climáticas estão a aconselhar a

intensificação da cultura desse vegetal utilíssimo que é uma das maiores fontes de riqueza de muitas comunas do setentrião e mesmo do sul do Brasil, tal ocorre em São Paulo, o grande fornecedor da excelente fibra agnominada ouro branco ao Império Nipponico, que é, na actualidade, como se sabe, o segundo entre os maiores productores mundiaes de tecidos de algodão.

Os resultados surpreendentes das plantações de algodão neste município, com a colheita de cerca de seis mil arrobas de excelente fibra nas plantações do Estado, estão a indicar um futuro promissor nesse sector agrícola da Feira.¹⁰⁵

Desde 1938, o *ouro branco* é anunciado nas paginas do *Folha do Norte* como boa nova, como mensagem encaminhada aos pobres lavradores para sua remição, como mais um caminho de acesso ao progresso. Segundo Julio Nagay¹⁰⁶, a crise cafeeira de 1930, junto ao desenvolvimento industrial iniciado com o governo Getúlio Vargas impulsionou a cultura do algodão, principalmente, em São Paulo. Feira de Santana, talvez por já ter alguma extensão de produção do algodão no passado¹⁰⁷, faz parte também dos territórios onde se concentram os incentivos do governo à cotonicultura. O surto de progresso e desenvolvimento viria com o algodão e pelas mãos do Estado.

É notório e publico que este Município já foi um grande centro algodoeiro. A praga que ataca o ouro braço exterminou, por falta de combate, completamente, essa lavoura, levando o desanimo do lavrador e por fim, fazendo-o desistir, abandonando o plantio. Nunca desanimei nesse particular e sempre fiz a propaganda de nossas terras magnificas até que o Governo de V. Excia. Ordenou os preparos das terras da Fazenda HONORATO e CRUZEIRO DO MOCO, e ali está o atestado vivo do que sempre afirmei.¹⁰⁸

Para além das ordens do interventor federal no Estado para a preparação das terras nas Fazendas Honorato e Cruzeiro do Mocó, os incentivos à produção algodoeira se estendem também na distribuição de sementes, na disponibilização de maquinário e na construção da Usina de Beneficiamento. Lavradores são convidados e seduzidos para a nova cultura e para participar das atividades econômicas da nação.

Após o almoço que transcorreu num ambiente de cordialidade efetuou-se a reunião, falando por essa ocasião o Snr. Secretário da Agricultura que expoz a razão da mesma, dando a palavra ao Prefeito deste município que falou sobre vantagens econômicas da cultura do algodão tão acertadamente denominado Ouro branco, e fez um apelo a todos os lavradores deste município para que, apoiando o assumto que ora se discutia, tomasse o maior interesse pelo soerguimento da lavoura algodoeira em o nosso meio. Em seguida o sr. Dr. Otavio Perez, do instituto Bahiano de Fumo, falou demoradamente sobre o palpitante assumto, demonstrando com fatos e dados

¹⁰⁵ A cultura do algodão na Feira. **Folha do Norte**. 25 de Novembro de 1939, MCS/CENEF.

¹⁰⁶ NAGAY, Julio Hidemitsu Corrêa. **A Cotonicultura Brasileira nos Anos 90: A crise e a retomada frente à globalização**. Monografia. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1999.

¹⁰⁷ FREIRE, Luis Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850 – 1888**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-Graduação em História. Salvador, 2007.

¹⁰⁸ CARVALHO, Heráclito Dias de. **Relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santana**. Feira de Santana: Silva e Irmãos, 1939, p. 12 e 13.

interessantes o valor e a necessidade da cultura dessa lavoura pelo seu valor econômico na vida do Paiz.¹⁰⁹

Nesse almoço, o prefeito, o secretário da agricultura e alguns senhores doutores a falar do desenvolvimento da ciência sobre as atividades agrícolas, todos eles, atrelados à instituições que lhes legitimava os cargos e títulos, usam desses últimos como elemento de autorização das suas falas de incentivo e de importância do desenvolvimento. Recorrem ao potencial legitimador que as instituições carregam sobre as operações discursivas.

Fatos e dados são postos a convencer lavradores pobres, muito provavelmente analfabetos. Novas linguagens, enredadas e potencializadas pela condição de sabedoria intrínseca aos senhores doutores surgem aos lavradores feirenses. Para além dos dispositivos discursivos que atravessam as falas, as condições materiais de produção são postas também à seduzir os lavradores. As estratégias de sedução ultrapassam os almoços cordiais entre lavradores pobres e *doutos* senhores ocupantes de importantes cargos, o relatório do prefeito registrou a entrega de 3000 quilos de sementes de algodão. As falas de incentivo chegam aos lavradores com a promessa de retorno do tempo dedicado em trabalho.

A cultura algodoeira, entre nós pesar de incipiente, por seus resultados e com o exemplo que o governo vem dando, certo induzira os lavradores feirenses a buscarem na produção dessa matéria prima lucros compensadores do seu labor. Com os resultados obtidos e evidenciados aqui, eles se animarão e incentivarão a alludida cultura, o que é muito para desejar. Já se encontram, segundo fomos informados, nos depósitos da Prefeitura, todas as machinas destinadas ao beneficiamento do algodão. Aguarda-se, apenas, a conclusão da usina que está sendo construída, para inicio dos respectivos trabalhos, assinalando mais um surto de progresso para nossa terra.¹¹⁰

A promessa de compensação do trabalho, do *labor*, é uma das principais estratégias do anúncio. A cultura do algodão é retomada pelo *Folha do Norte* enquanto instrumento de sedução através da positivação do trabalho. O convite à nova lavoura implicara em novas demandas postas sobre o lavrador e a agricultura feirense. A produção da mandioca e fumo, muito presente nos hábitos comerciais e alimentares da região¹¹¹, muda seu curso para uma produção voltada ao mercado externo, ao comercio de larga escala, a produção que tem seu ritmo posto pela necessidade industrial de matéria prima, as grandes plantações que modificam a forma de ocupação da terra e, portanto, as maneiras de interagir e significar a paisagem e o trabalho.

¹⁰⁹ Reunião dos lavradores em Santa Barbara. **Folha do Norte**. 18 de Fevereiro de 1939, MCS/CENEF.

¹¹⁰ A cultura do algodão na Feira. **Folha do Norte**. 25 de Novembro de 1939, MCS/CENEF.

¹¹¹ PLÁSCIDO, **Op. Cit.**

Heráclito Carvalho anuncia modelos de ocupação da terra, de organização do trabalho, de criatórios de animais. Novos métodos são tomados como referencia, modelos para as práticas rurais.¹¹² Na década de 1940, a cultura do algodão é importante nos movimentos de anexação, lavradores são seduzidos à compor formas de ocupação do solo e da produção agrícola. Os “benefícios” da cultura do algodão e os novos modelos de produção destoam as dinâmicas produtivas da variedade de culturas em menor quantidade para serem comercializados nas feiras.

Eric Wolf¹¹³ ao refletir sobre o campesinato afirma que a diferença entre as comunidades primitivas e as sociedades camponesas se concentra na forma como os camponeses estão constantemente em contato com os ambientes externos, urbanos. Como relações comerciais, bens materiais de consumo e outras razões diversas levam ao contato entre camponeses, sua realidade sócio cultural e de trabalho com os moldes centro urbanos de vida. A mesma relação que caracteriza as sociedades camponesas impõe dificuldades. Segundo Wolf, o dilema camponês passa pela dificuldade de equilibrar ou justificar seus moldes culturais, valores ou ritmos mediante o contato anexador das sociedades urbanas às referencias externas sobre a cultura e o trabalho.

Quando voltamos aos moradores negros dos subúrbios rurais da Feira (alguns dos lavradores que estavam na reunião para ouvir falar sobre e levar algumas sementes do algodão para plantio), as operações de intervenção externa podem ser mais específicas. Segundo Muniz Sodré¹¹⁴, o território, ou terreiro, guarda elementos de significação, possibilidades de, após a diáspora, negros reterritorializarem sua ancestralidade, seus referenciais simbólicos. Fraga¹¹⁵ fala sobre como as roças do pós-abolição estão associadas a uma memória de liberdade, autonomia. Gomes¹¹⁶ é ainda mais incisivo e fala sobre um movimento de aquilombar-se e os sentidos de resistência que o território ganha nas comunidades de roceiros, entre outras muitas formas que negros cativos, fugidos ou libertos tinham de interagir com o espaço. Mais uma vez, compreendamos espaço como produção de relato, trajeto de significação. O espaço é demarcado aqui pelas trajetórias históricas negro brasileiras de interação com a terra, pela forma como lavradores negros pobres de 1930 estão ainda associados há uma memória relacionada a ocupação da terra. Anexa-los aos ritmos produtivos

¹¹² CARVALHO, **Relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.**

¹¹³ WOLF, Eric. R. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

¹¹⁴ SODRÉ, Muniz. **Op. Cit.**

¹¹⁵ FRAGA FILHO, **Op. Cit.**

¹¹⁶ GOMES, **Op. Cit.**

industrializantes, alterar a paisagem sobre o terreiro implica em modificações ainda mais específicas quando tratamos do campesinato negro.

Os modelos apontados por Heráclito de Carvalho¹¹⁷ orientam a ocupação da terra para dinâmicas de eficiência produtiva, ou seja, grandes extensões de terra deveriam ser organizadas de forma que aquele espaço seja ocupado da melhor forma, com um resultado de rendimento máximo. Os incentivos para a produção algodoeira (as máquinas, as sementes, as ordens de preparação da terra e usinas de beneficiamento) dão os primeiros indícios de modificação da paisagem rural feirense para outra lógica, distinta das elaboradas pela cultura negra rural. Tais alterações se estendem sobre as condutas, sobre a cultura e o trabalho dos lavradores.

Dominações anexadoras se estendem sobre os grupos subalternizados de forma que seus costumes ficam continuamente vulneráveis aos múltiplos caminhos que o progresso, as referências desenvolvimentistas, encontram de se estender.¹¹⁸ O algodão aponta para caminhos específicos de reorientação da experiência negra camponesa. Os novos modos de fazer tornam-se operantes pela anexação, primeiro, do ritmo, pela aceleração do tempo.

O TEMPO DO OURO BRANCO

A impressão é de constante atraso. Parece sempre tarde. Há sempre de acelerar, de adiantar as coisas. É necessária ajuda. Os passos que constituem os ritmados do progresso parecem largos demais para as curtas pernas da *Princesa do Sertão*. Os pontos pretos no seu branco véu carecem de instrumentos que os autorizem acompanhar as acelerações dominantes.

Todos sabem que a agricultura nacional enfrenta grandes e graves problemas sobretudo nos centros de maior população, onde o trabalho agrícola está a exigir medidas urgentes que o façam mais racional e econômico. Em várias regiões do Brasil a agricultura tem de ser, antes de tudo, intensiva e não extensiva.[...] Sem o levantamento estatístico do estado actual da nossa agricultura para que desse modelo seja possível conhecer; em suas *origens*, isto é, em sua unidade econômica – o imóvel rural –, nenhuma providência governamental em favor dessa digna e nobre indústria poderá ajustar-se, convenientemente, aos reclamos dos lavradores a às

¹¹⁷ CARVALHO, **Relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.**

¹¹⁸ BENJAMIN, Walter. “O caráter destrutivo”. In: **Rua de mão única, Obras Escolhidas, vol. II.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

exigências da situação agrária perfeita, em que a técnica e as forças financeiras se coadjuvam eficazmente.¹¹⁹

Racionalidade, intensidade, economia, eficácia tornam-se os novos valores que pairam sobre o mundo rural. *Medidas urgentes* parecem necessárias para que o Estado possa intervir no trabalho agrícola, torna-lo mais *racional e econômico*. As interferências do Estado para melhoria das condições da produção rural estão diretamente relacionadas com a modificação dos ritmos do lavrador, dos objetivos que norteiam seu trabalho. Há agora de ser mais eficiente, produzir mais, até porque a produção do algodão está ligada com o cenário nacional. Trata-se do mercado externo e da indústria, dos interesses da nação. A aceleração da produção agrícola é justificada pela demanda de exportação e é incentivada como ajuda à economia do país. Lavradores pretos e pobres do subúrbio da Feira são convocados a contribuir com o cenário da produção agrícola nacional com os muitos fardos de algodão, produzidos de forma cada vez mais eficiente para o bem do país. Instituições nacionais estão constantemente à espreita, oferecendo os auxílios e instrumentos que garantam que seus interesses estão sendo atendidos, além de legitimando com o peso da instituição, as palavras de incentivo que aparecem nos jornais ou nos homens do *Serviço Nacional de Recenseamento*, nesse caso.

As palavras de incentivo incorporam um sentimento de renovação. O progresso que abraça a cultura algodoeira procura registrar e festejar cada nova possibilidade de reorientação dos caminhos da lavoura com inaugurações. Momentos solenes, como os almoços para seduzir os lavradores¹²⁰, assinalam que, mais uma vez, naquele momento, novas trajetórias se anunciam possíveis ao desenvolvimento da lavoura. São registrados os velhos modos de fazer que não são mais pertinentes uma vez que novos métodos, mais racionais, econômicos e eficazes chegaram à lavoura. O Estado mais uma vez se faz presente: No dia 22 de Janeiro de 1943, o interventor federal Landulpho Alves inaugura na Feira a Usina de Beneficiamento de Algodão fundada pela Secretaria de Agricultura do Estado. Usina que desde o ano anterior, antes de sua inauguração, tem suas benesses anunciadas e comemoradas nas páginas do *Folha do Norte*, uma espécie de ansiedade ao progresso parece gestada no jornal.

É indiscutível a utilidade deste importante melhoramento para a vida agrícola da comuna e, certo, contribuirá para o fomento de produção algodoeira no Município feirense, como uma necessidade inadiável, salvando suas outras culturas, atento o estado ruinoso em que se encontram, principalmente o fúo e a mandioca cujos preços são desencorajadores.

Movida por energia eléctrica e dotada de modernas e aperfeiçoadas máquinas e aparelhos, a Usina em apreço achase muito bem instalada em dois vastos pavilhões

¹¹⁹ Cooperativismo e crédito rural, **Folha do Norte**. 13 de Julho de 1940. MCS/CENEF.

¹²⁰ Reunião dos lavradores em Santa Barbara, **Folha do Norte**. 18 de Fevereiro de 1939. MCS/CENEF

solidamente construídos a margem esquerda do primeiro trecho da auto-estrada Feira – Bahia, o que sobretudo facilita o transporte do algodão bruto trazido em rama dos campos de cultura e o escoamento para a capital e outros mercados do produto beneficiado, como dos sub-produtos e das sementes devidamente imunizadas.¹²¹

A notícia desenha mais uma vez a nova dinâmica produtiva que envolve a cultura algodoeira: a relação com o mercado externo de exportação nos portos da capital, a intensificação da produção, os anseios de eficácia e progresso. A usina de beneficiamento toca caráter específico dos movimentos de aceleração da produção: o uso de *machinas*. Os novos instrumentos para gerar força motriz, tal como o uso de máquinas tanto na produção quanto no beneficiamento dos produtos denunciam as reformulações sobre a experiência da lavoura e do objetivo sobre a colheita. O contraste do cenário entre o ranger dos carros de boi e o barulho das velozes máquinas desenharam o trajeto de modificação sobre os subúrbios e os significados que disputam a paisagem rural.

O discurso nacional desenvolvimentista, empurrado pelos interesses dominantes, garante que novos dispositivos se materializem no cotidiano dos trabalhos agrícolas. Equipamentos que geram novos regimes de trabalho, portanto novas experiências, sociabilidades, e novas formas de ver o mundo. A aceleração do tempo nas atividades agrícolas apontou para novas ambições, novas demandas sobre os modos de fazer negro camponeses.

O arado é a principal máquina para a lavoura. A enxada nunca poderá lhe substituir nas medias e grandes culturas. Como exemplo na lavra para o plantio da canna de assucar. A indústria açucareira requer para seu desenvolvimento econômico o emprego das máquinas agrícolas. A tração dos motores animados (o boi, o cavalo etc...) não satisfaz plenamente a mobilização perfeita para da terra arável. Os tratores, hoje, ocupam um lugar de destaque nas diferentes operações rurais, que necessitam de força, economia de tempo, perfeição na lavra, profundidade, e muitas outras condições a cultura dos campos. Não desapareceu por completo o sistema rotineiro de cultivar a terra. Rudes instrumentos aratorios, hoje, são empregados afastando-se dos princípios básicos da ciência agrícola. A rotina diz um distinto agrônomo: É condenável. Accusa preguiça de espírito e exclue necessariamente qualquer idéia de progresso. A lavoura mecânica é de grande vantagem em todas as áreas de culturas.[...] havemos de verificar a extraordinária diferença entre a lavoura manual e mecânica. O que o arado pode fazer em um dia a enxada só poderá fazer em muitos dias.¹²²

As oposições já colocadas entre o trabalho manual e mecânico enunciam a tendência evolutiva atribuída ao uso das *machinas*. A citação enquadra o cenário de modificação, a superação dos *motores animados*, as oposições entre o arado e a enxada, e como as imagens

¹²¹ O beneficiamento de algodão em Feira de Sant'Anna. **Folha do Norte**, 14 de Abril de 1941. MCS/CENEF.

¹²² A lavra manual e mecânica, **Folha do Norte**. 04 de Novembro de 1939. MCS/CENEF.

de tais instrumentos, quando colocadas em oposição, inferiorizam a enxada na sua limitação quantitativa de produção em menos tempo. Os discursos de hierarquização entre o trabalho mecânico e manual se aproximam dos de incentivo a cultura algodoeira: A legitimidade e autoridade de um *distincto agronomista*, pelas bases da *sciencia agrícola*, significa enquanto rude, atrasado e ineficiente o *sistema rotineiro de cultivar a terra*, que ainda existe, portanto, disputa com as novas e indispensáveis *machinas*, a presença nas operações rurais.

O jornal ainda fala da falta de trabalhadores nos campos. Dos sujeitos que pelo *aspecto triste e desolador da paisagem* procuram nos centros urbanos outras possibilidades de sobrevivência. Silva¹²³ narra alguns casos de sujeitos que pararam na Feira fugindo das secas do interior baiano. A saída de lavradores dos campos, para quem louva as *machinas* e o trabalho mecânico, produziu um problema que os arados e outras *machinas* eficientes podem resolver: a falta de braços, problema que reclama o jornal ter prejudicado o desenvolvimento da lavoura agrícola do Brasil desde o fim do trabalho escravo. As dinâmicas de produção agrícola pós abolição, isto é, o campesinato negro das roças, aparentemente, não atendera a produção industrial em larga escala.

OS MODOS DE FAZER E DE SABER FAZER

Novembro de 1941¹²⁴, uma das manchetes que saltavam em fontes maiores nas paginas do *Folha do Norte* falava de uma *Universidade Rural*. Foi um grande projeto. O Brasil percebera que as condições climáticas, do solo e a posição geográfica enunciam como grande meio de enriquecimento da nação o *uso racional da terra*. A noticia falava de uma grande escola a ser construída em São Paulo: *a primeira Universidade Agrária do país, que será a futura Escola Nacional de Agronomia*. O cuidado da terra não é mais coisa de se aprender fazendo, com a experiência, com o ensino dos mais velhos, uma espécie de universidade popular, cotidiana, é paulatinamente substituída pelos ditames da técnica. A *Universidade Rural* é estabelecida sobre bases firmes ofertadas pelo Estado e chancelada enquanto verdadeiro saber pela autoridade de diplomados bacharéis.

As práticas agrícolas estavam cercadas dos saberes da ciência, novos métodos associados à produção de larga escala, determinariam sobre o método correto ou racional de

¹²³ SILVA, Mayara Pláscido. **Experiências de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890 - 1930)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Programa de Pós-Graduação em História. Feira de Santana, 2012.

¹²⁴ Universidade Rural. **Folha do Norte**, 08 de Novembro de 1941. MCS/CENEF.

lidar com a terra. Em Feira de Santana, engenheiros agrônomos como o senhor Mario de Souza Dias compartilharam de seus folhetos para que *a hygiene nos trabalhos agrícolas* seja obedecida.¹²⁵ O discurso higienista adentra as práticas rurais reordenando-as, novos parâmetros são elaborados e legitimados pela autoridade da ciência de forma que as práticas rurais apreendidas pela experiência campesina é ameaçada.

Ione Sousa¹²⁶ situa a transformação da Escola Normal em Escola Normal Rural de Feira de Santana entre os processos de mobilização dos professores para a educação na vida rural, tomada, naquele momento, como alternativa de desenvolvimento do país. Sousa cita o Iº Curso Regional, para professores, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1933. Em Feira de Santana, a mudança da escola só acontece em 1935, com a semana ruralista. “[...] os organizadores da semana ruralista prepararam cursos populares de *hygiene* rural, no intuito de levar o progresso e a modernidade à roça. ”¹²⁷ Os anseios de *hygiene* e desenvolvimento acessam as comunidades negras rurais agora nas determinações sobre as formas de fazer. As aprendizagens com a experiência seriam substituídas por novos dispositivos de orientação sobre o fazer. A escola e sua “poderosa instrução” atuam enquanto dispositivos de civilização do trabalho agrícola.

As falas de incentivo à lavoura preocupam-se agora com a penetração da figura do lavrador no cenário desenvolvimentista atribuído à nação. Nessa movimentação, Getúlio Vargas é citado no cenário político também pelas suas advertências e orientações quanto ao amparo da lavoura, chamando a atenção para o *valor do trabalho dos homens na nossa lavoura*.¹²⁸

Assim como s. s. tem reconhecido, por mais de uma vez, a necessidade de orientar os interventores dos outros Estados, quanto a melhor maneira de ser tratado este ou aquele ponto capital, nada mais sensato e brasileiro do que também prestar apoio aos braços que labutam para criar a riqueza do país.¹²⁹

A figura positivada do lavrador segue o trajeto das modificações sobre a paisagem rural e seus significados. A oferta de crédito rural situa os lavradores numa nova dinâmica comercial produtiva intensiva. Os trajetos dos lavradores negros e pobres ressignificam as memórias do cativo, ganham novos contornos, agora inseridos nacionalmente são alçados à

¹²⁵ “A hygiene nos trabalhos agrícolas”, **Folha do Norte**. 12 de Novembro de 1938. MCS/CENEF.

¹²⁶ SOUSA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas**. São Paulo: Edusc, 2001.

¹²⁷ **Ibidem**, p. 143.

¹²⁸ O amparo a lavoura. **Folha do Norte**, 05 de Maio de 1941. MCS/CENEF.

¹²⁹ **Ibidem**.

condição de trabalhadores rurais. Segundo Hebe Mattos¹³⁰, na memória dos descendentes de escravos do Sudeste a memória sobre Getúlio foi associada a da princesa Isabel. Enquanto a última libertara o escravizados, Vargas consolidara os direitos civis. Novos caminhos são postos como possibilidade ao campesinato negro no Brasil.

Com o objetivo precípua de enriquecer ainda mais a nossa legislação trabalhista, o patriótico governo presidido por Getúlio Vargas nomeou, há pouco, uma comissão que ficou incumbida de promover a sindicalização das classes rurais, fato que, indubitavelmente, virá atingir e proporcionar benefícios, direitos e vantagens de toda ordem a u'a mésse de gente, computada em cerca de dez milhões de agricultores. A comissão que elaborará o ante-projeto da lei que sindicalizara as classes rurais já está em franca atividade e compõe-se de representantes dos três ministérios que mais intimamente estão ligados aos problemas da vida rural brasileira; os Ministérios da Agricultura, do Trabalho e da Justiça, que são assistidos pelos representantes das classes interessadas.¹³¹

A sindicalização transforma os lavradores negros em trabalhadores rurais. Novas formas de interação com o Estado, novas possibilidades sobre o escoamento comercial da produção, o significado atribuídos pela memória às roças (a autonomia, a liberdade) começa a incorporar agora novos sentidos. A experiência do campesinato negro disputa diretamente com os anseios progressistas de enriquecimento agrícola da nação. As intervenções do Estado nos modos de fazer negro camponeses, aos poucos, legitimam e aplicam as alterações que o discurso higienista e civilizador já utilizava como critério de subalternização das comunidades negras anteriormente. Os lavradores pretos agora que podem se tornar trabalhadores, garantido seus direitos civis, devem se disciplinar ao trabalho árduo, afinal, a nação espera o aumento da produção. Devem garantir a *higiyene dos trabalhos agrícolas*, seguir as orientações dos agrônomos que sabem usar racionalmente a terra, torna-la eficaz a produção de larga escala para o comercio de exportação. As anexações, sob o discurso da positivação dos sujeitos, incidem sobre os grupos subalternizados operando reformulações sobre as condutas e os significados postos e compartilhados entre os grupos.

As alterações sobre a paisagem e o trabalho se estenderam ao trabalhador. São elegidos modelos, figuras moldadas aos interesses colocados pela nação. Há interferências, agora também, sobre os sentidos colocados sobre os perfis sociais. O novo trabalhador rural participa de um movimento de significação que, no desenvolvimentismo nacionalista, reelabora sentidos atribuídos a partir de critérios raciais.

¹³⁰ MATTOS, Hebe. Memórias do cativo: narrativa e identidade negra no antigo sudeste cafeeiro. In: RIOS, Ana Lugão; e MATTOS, Hebe. **Memórias do Cativo, família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 55.

¹³¹ Sindicalização Rural. **Folha do Norte**, 11 de Outubro de 1941. MCS/CENEF.

NOVOS SENTIDOS: O TRABALHADOR MULATO

Relembremos as brigas de Aloísio Resende. Os versos do poeta destoam dos trajetos de ressignificação da década de 30 sobre a mestiçagem. As paisagens de suas poesias operam sentidos sobre os grupos subalternizados negro brasileiros de forma que as alterações disputadas pelo discurso branqueador são enfrentadas. As práticas culturais das comunidades negras questionam e destoam aos anseios civilizatórios branqueadores dos discursos nacionalistas.

Os processos de sindicalização rural são justificados como um processo de valorização da nação aos sujeitos que produzem sua riqueza, de garantia de alteração dos ritmos produtivos desses sujeitos. Moldam-se novos trabalhadores associados ao sentimento nacional, os novos brasileiros portadores da identidade nacional. No processo de moldagem, os novos trabalhadores são caracterizados e vigiados de forma que se adequem aos novos referenciais postos pela nação. A identidade nacional produzida se preocupa em definir os brasileiros enquanto povo capaz de evoluir pelo trabalho. O desenvolvimentismo dos anos 30 se espelha nas grandes potências e faz acreditar que o povo segue esse caminho da evolução. Ao falar de evolução procuro chamar atenção especificamente as determinações biologizantes e racialistas que atravessam todo o sentimento nacional sobre os trabalhadores.

Angela Gomes¹³², ao voltar-se a década de 1930 e a trajetória histórica do trabalhismo, narra estratégias de aproximação política dos dirigentes do Estado Novo com as camadas subalternizadas, principalmente, dos trabalhadores. Gomes aponta para a necessidade das camadas dominantes de utilizarem de mecanismos de divulgação para produzir a identidade trabalhadora em torno das legislações trabalhistas (CLT), tomadas pelo Estado devido as medidas não serem conhecidas pelas camadas populares. *A invenção do trabalhismo* funciona a partir das festivas estratégias de aproximação e valorização da imagem criada sobre Getúlio Vargas enquanto ‘pai dos pobres’ e líder das massas trabalhadoras. São investidos estímulos variados na construção do trabalhador brasileiro, trabalhador negro que positivava a “raça brasileira” e compunha os laços estreitos que ligavam os cidadãos numa grande família alinhados a racionalização e a disciplinarização do trabalho para o benefício da nação.

Em Feira de Santana, falas jurídicas utilizaram do trabalho como artifício de legitimação social. A partir do hábito das testemunhas de defender o bom procedimento de

¹³² GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

alguns réus que lhes são próximos, promotores questionam a conduta das testemunhas como forma de diminuir a validade das alegações. Um promotor fala de pessoas “sem idoneidade moral, companheiras do denunciado Vitório nas brigas de galo, desconhecidos na Feira, residentes há pouco tempo [...]”¹³³. O promotor recorre, entre outras coisas, a um suposto hábito de jogo entre as testemunhas para inferiorizá-los. Retomar o jogo como artifício para invalidar a conduta popular pode ser lido numa dinâmica de oposição ao trabalho, seria o jogo o momento do ócio, do tempo não disciplinarizado, o tempo que os trabalhadores (re)tomam o tempo para atividades não produtivas, para si mesmos.

Ana Maria Oliveira¹³⁴ se volta ao jogo do bicho como prática popular perseguida e vigiada pela imprensa e pelos juristas da Feira diante a ameaça que o vício no jogo significava para as famílias: Invade os lares, corrompe os costumes, profana a inocência e estabelece a promiscuidade. As incivilizadas práticas indesejadas na urbe guarda outra possibilidade de experimentação dos jogos. Oliveira fala que, para alguns populares, o jogo serviria enquanto forma de rendimento, gente que vivia da roça, mas como a chuva não vinha, trabalhava na rua com o bicho.

O *Folha do Norte* cumpriu a função de disseminar os discursos nacionalistas e os valores carregados junto as operações discursivas. Uma manchete fala da *Reabilitação dos Mestiços*: Retoma os primórdios da história europeia para exemplificar como os superiores povos europeus foram, também, fruto de trajetos históricos de mestiçagem. Para além da Europa, outras potências (Japão e Estados Unidos) são retomadas para argumentar que as variantes raciais na composição nacional não interferem no desenvolvimento da nação.

Todo poder vem do saber de Si todos os brasileiros adquirirmos o mesmo saber que possuem todos os japoneses, seremos a primeira nação do mundo, porque os japoneses tem um território que é quinze vezes menos que o brasileiro. O individuo ou povo superior é aquele que realizar o completo desenvolvimento de todas as suas facultade físicas e mentais. Aliás, nós tivemos no Brasil mestiços admiráveis como Machado de Assis, Carlos Gomes, José do Patrocínio, Tobias Barreto e outros muitos. Portanto, no Brasil, demos uma completa cultura física e mental a toda a nossa população sem exceção; não consintamos que haja um só iletrado em nosso território; espalhemos por toda parte piscinas e estádios, escolas e bibliotecas e constituiremos uma raça dominadora e formidável, quando atingir a suas energias de corpo e espirito. Saber é poder. Eis o conceito que devemos inscrever em todos cérebros de todos os brasileiros.¹³⁵

¹³³ Sumário. Vítima, Augusto Getúlio de Oliveira, 1937-1946. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 60 Doc: 1132.

¹³⁴ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de Modernidade: olhares, imagens e praticas do cotidiano (1950 - 1960)**. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

¹³⁵ SERVA, Mario. A Reabilitação dos Mestiços. **Folha do Norte**, 08 de Março de 1941. MCS/CENEF.

Mario Serva, autor do texto citado acima, argumenta que é possível o desenvolvimento ao miscigenado povo brasileiro. No entanto, o progresso está condicionado ao desenvolvimento físico e mental da população. A educação é o principal instrumento reivindicado à civilização ou moldagem das mentes e corpos de forma que estejam preparados aos ritmados progressistas aguardados pela nação.

Uma segunda questão no trecho convida a reflexão: os *mestiços admiráveis* que fundamentam a ideia de que mestiços podem se enquadrar nas normatizações, ou melhor, nos critérios de superioridade. O que chama a atenção é que as figuras destacadas para tal argumentação são historicamente associadas seja pela tez, ou trajetória, a questão do negro no Brasil. Os mestiços citados são aqueles que destoaram ao que se espera dos negros. As figuras que, diferente do esperado, se destacaram nos critérios de civilidades postos. A *reabilitação dos mestiços* parece não ser, necessariamente, uma dificuldade de todo brasileiro, apenas dos seus muitos pretos e pardos que precisam fugir as determinações atribuídas a seus perfis socioculturais historicamente atribuídos.

Esses perfis funcionam como aparelhos mentais que naturalizam ou desnaturalizam trajetórias ou atribuições sobre os sujeitos. A década de 30 ratifica mitos de origem que seja em *Casa Grande e Senzala*, ou nas páginas do *Folha do Norte*¹³⁶ disseminam discursos que, para além da alegria e da malemolência dos batuques, os negros africanos contribuem para a civilização brasileira com os braços fortes para o trabalho duro que não era apropriado nem para os brancos europeus, nem para os indígenas. Essa memória ratifica a atribuição natural de pretos e pardos para o trabalho, para os bons trabalhadores que, quando adaptados, podem superar os cenários de subalternização, a *revivescencia deturpada da escravatura*¹³⁷.

Em 1942, é publicada no *Folha do Norte* uma crônica revisita a memória sobre Antonia Pé Preto, uma negra que, após a abolição, chegara para viver em Tanquinho.¹³⁸ O texto, em elogio a Antonia, desenha a trajetória de muitas das mulheres libertas no pós-abolição: O trabalho livre ambulante e, na velhice, muitas vezes, a miséria¹³⁹. Antonia é descrita pelo seu taboleiro, pela libertinagem de pedir *bejo* a senhores e *festejadores noturnos*, do gosto pelas festas e do corpo *grácil de maxucar um samba*. Em que pese as caracterizações

¹³⁶ A miragem da abolição. **Folha do Norte**, 10 de Maio de 1941. MCS/CENEF.

¹³⁷ Antonia Pé Preto, **Folha do Norte**. 26 de Dezembro de 1942. MCS/CENEF.

¹³⁸ **Ibidem**.

¹³⁹ Ver: SILVA, Elizabete Rodrigues da. “Recôncavo Fumageiro: Palco de uma fisionomia social e cultural” In. **Fazer Charutos: uma atividade feminina**. Dissertação (mestrado em História). UFBA - Salvador, BA, 2001; DIAS, Maria Odila L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2 ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995; FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura

aproximadas das práticas negras tomadas por incivilizadas, o texto carrega um teor positivador sobre a personagem. Procurava denunciar – ao mesmo tempo que romancear – o abandono, a fome, a miséria de negros e negras libertos(as).

A história de Antonia conta das permanências das estruturas de subalternização após a abolição. A personagem vinculada ao samba, ao gosto da festa, a preta do tabuleiro com seus gracejos libertinos conta de representações postas sobre as práticas e grupos negros para quem cabe a miséria, o abandono e a exclusão das paisagens em desenvolvimento da nação. Opera agora como incentivador a valorização do mestiço e a miscigenação do negro, a negociação sob a máscara do pardo, como bom trabalhador, bom brasileiro, negros *de alma branca*¹⁴⁰.

Novos perfis são elaborados e, conseqüentemente, novas práticas são tomadas como ideais ao bom comportamento, a boa conduta: a dos lavradores sindicalizados, membros das cooperativas, próximos do Estado e dos modelos de utilização da terra mais eficientes. As interferências ultrapassam a paisagem, adentram as práticas do cotidiano vigiando condutas, disciplinando ritmos.

Estratégias dominantes disputam com as táticas de organização comunitária o subúrbio de pequenas roças. A pequena produção de lavradores *tabaréus* a ser vendida nas segundas de feira na Feira é estimulada a mudar; a produzir de forma racional e eficiente, as grandes quantidades de algodão demandados pela indústria nacional emergente. As intervenções no campesinato negro demandam refeitorias sobre os modos de fazer negro camponeses.

popular em Salvador (1890-1937)”, in: **Afro-Ásia** – centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador, n.21-22, 1998-1999.

¹⁴⁰ Antonia Pé Preto. **Folha do Norte**, 26 de Dezembro de 1942, MCS/CENEF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sertão, Lucas era muitos. Era legião. Muniz Sodré remonta aos instrumentais bíblicos da cidade católica – *de Sant’Anna* – e recorre à “legião” para identificar o coletivo de negros demônios que traziam na cor da pele afinidades com o negro rebelado (Lucas da Feira) e autorizavam permanências de outras práticas e memórias sobre a cidade.

A narrativa ficcional de Sodré assenta representações sobre a Feira tracejando, principalmente, os elementos negro brasileiros para compor a paisagem e o cotidiano feirense. Ao representar, Sodré se agita entre as disputas dos arquivos produzidos sobre a cidade, isto é, da forma como a múltiplas possibilidades de representação da Feira são postas a significá-la, a determinar sobre as relações de poder que atravessam as práticas políticas, sociais e culturais da urbe e *suburbe*.

Ao disputar negros desregrados para a Feira, a narrativa de Sodré se apresenta como exemplo da construção de representações envoltas em operações discursivas que funcionam enquanto vetores de significação e apreensão da cidade e da raça. As representações estão imersas entre acontecimentos que forjam práticas de exclusão e disciplinarização, sentidos formuladores da raça, portanto, designadores dos critérios de ordenamento e hierarquização de corpos, costumes, condutas. Regimes de discurso atravessam e instituem a sociedade enquanto materializam as relações de poder que incidem sobre os grupos sociais em suas dinâmicas.¹⁴¹ Por isso funcionaram como instrumento para cartografias possíveis sobre as estratégias de subalternização das comunidades negro suburbanas da Feira.

Os apagamentos consequentes dos anseios e das medidas civilizadoras apontam para sistemas de exclusão que atingem grupos negros pobres moradores dos arredores da cidade.¹⁴² Seguindo o rastro do silenciamento, perguntava sobre as táticas de organização comunitária dos grupos negros e pobres moradores dos subúrbios rurais na Feira de Santana, suspeitando das condutas e comportamentos arquivados, principalmente, pela incompatibilidade com os novos valores que incidiam sobre a *Princesa do Sertão* e com os novos caracteres atribuídos à nação a partir de 1930.

O contexto sócio cultural que abrigava os sujeitos suburbanos sugeria especificidades raciais nos processos de exclusão e interdição. Ainda que a limitação dos registros dificultasse a visualização das trajetórias de subalternização e resistência, os discursos que atravessavam

¹⁴¹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

¹⁴² OLIVEIRA, 2016, **Op. Cit.**

normatizações possibilitaram a cartografia das relações de poder enunciadas pelas disputas de sentido em torno das práticas negras suburbanas.

O cenário tracejado pela poesia de Aloisio Resende torna possível um primeiro mapeamento dos caracteres que atuam nas disputas sobre os arquivamentos do negro no Brasil. Os anseios disciplinarizadores que incidem sobre as comunidades negro brasileiras denunciam como determinada cor e práticas culturais foram interdidas e excluídas para a naturalização de novos costumes. Os versos do poeta desenham práticas culturais que destoam das referências dominantes, costumes que contrastam dos vetores normatizantes, significações sobre a paisagem e sobre as relações que funcionam como apropriações da heterogeneidade sócio cultural que transpassa o cotidiano das camadas populares. Em Resende, pela poética da ancestralidade¹⁴³, a cidade de Santana é (re)inventada enquanto *terra de Nanã Buruku*¹⁴⁴, há um esforço em imprimir na cidade as imagens da cultura negra candomblecista que o boêmio observa, defende, convive e arquiva.

O arquivamento de Resende funciona como primeiro rabiscar de desenhos possíveis sobre as ameaçadas práticas afro brasileiras comuns ao cotidiano dos subúrbios. Procurando as configurações comunitárias, o campesinato negro é destacado pelos processos de controle e apagamento que incidem sobre os modos de fazer das comunidades negras rurais. Os incentivos sobre o algodão são entendidos enquanto regimes de anexação das falas progressistas sobre as ruralidades feirenses alterando sua dinâmica produtiva.

Negros camponeses são lentamente interdidos dos seus modos de fazer. Novidades são anunciadas em cerimônias festivas que celebram o apagamento. Lembranças sobre a agricultura, com os significados da autonomia relacionados à terra e a memória da escravidão sobre a paisagem, integram um punhado de sentidos ameaçados pelo caráter destrutivo¹⁴⁵ do nacional desenvolvimentismo sobre os meios produtivos não alinhados com os ritmos do capital.

Em que pese os vetores disciplinarizadores que atuam sobre as camadas populares a partir, principalmente, das instituições legitimadas pelo Estado, há de se apresentar nos subúrbios, também, permanências sobre os costumes. Sujeitos ordinários apropriam e customizam os discursos civilizadores e tiveram registrados nos seus cotidianos sentidos tecidos pela comunidade. Percebe-se que a trajetória histórica dos subalternizados atribui significados próprios ao território, customizam os valores que determinam normatizações

¹⁴³ SANTOS, **Op. Cit.**

¹⁴⁴ RESENDE, Aloisio. *Pegi-Gan. Folha do Norte* de 26/08/1939, MCS/CENEF.

¹⁴⁵ BENJAMIN, **Op. Cit.**

sobre a conduta, constroem redes de solidariedade e sociabilidade destoante dos ditames civilizatórios sobre a produção, o tempo e o trabalho agrícola.

As conclusões até aqui apontam para relações de poder que atravessam os processos narrados e, a partir do discurso, coordenam as estratégias de subalternização tal como táticas de organização e experimentação social próprias das comunidades negras rurais. O mapear dessas relações é o que o trabalho se propôs.

As cartografias tecidas não perdem a materialidade da violência contra as comunidades negras ao se ocupar, principalmente, das operações discursivas. Pelo contrario, ao voltar-se para o discurso, mapeia-se a constituição das hierarquias e dos sentidos atribuídos à experiência, aos mecanismos legitimados pela autoridade do Estado de exclusão e interdição violenta das marcas negras na cidade, ao arquivamento do sujeito mulato como dispositivo de apagamento e disfarce da tez e da cultura negra nas (re)invenções da nação e, principalmente, as táticas que denunciam as descontinuidades em torno do fazer popular do seu cotidiano.

As representações da cultura negra suburbana a partir de caracterizações que destoam aos processos de subalternização adentram nas relações de poder associadas à formulação de arquivos, isto é, a constituição dos sujeitos negros e negras a partir do significado social que eles ou elas carregaram. Quando tais sentidos são relacionados, principalmente, a uma suposta incivilidade, concluímos que as permanências de práticas próprias funcionaram enquanto táticas, arquivando novos sentidos. Os negros *tabaréus* das roças que circundam a Feira são tomados como incivilizados pois ainda registram negações as tentativas de dominação. Ocupam as auroras como retomadas do seu tempo, permanecem, vez ou outra, *anti higienicos* na feira, lentos na agricultura, “negros demais” para a nação mestiça.

Retomamos os hematomas registrados na cultura negra para decalcar as violências e os novos caminhos tomados pelos negros brasileiros para sobreviver. A vontade de verdade intrínseca aos arquivamentos da cultura negra brasileira autoriza, historicamente, vetores de apagamento e controle. Ao tracejarmos historicamente essas trajetórias, denunciamos as (re)invenções de inferioridade atribuídas sob critérios raciais, as reformulações estratégicas das camadas dominantes no processo histórico de dominação e exclusão das camadas populares negras rurais.

FONTES

- Jornal Folha do Norte

Não atravancuem as ruas com animais de carga, **Folha do Norte**. 18 de Janeiro de 1930. MCS/CENEF.

A situação dos negros na América do Norte, **Folha do Norte**. 26 de Julho de 1930. MCS/CENEF.

Recolham seus animais a lugares apropriados, **Folha do Norte**. 07 de Fevereiro de 1931. MCS/CENEF.

Contra o charlatanismo e curandeirismo, **Folha do Norte**. 11 de Julho de 1931. MCS/CENEF.

Superstições modernas, **Folha do Norte**. 30 de Janeiro de 1932. MCS/CENEF.

Requer muito asseio o mercado de farinha, **Folha do Norte**. 06 de Agosto de 1932. MCS/CENEF.

O preconceito de cor entre os Yankees, **Folha do Norte**. 08 de Maio de 1932. MCS/CENEF.

ARAUJO, Pedro de. Pobre lavrador, **Folha do Norte**. 12 de Março de 1932. MCS/CENEF.

13 de Maio, **Folha do Norte**. 13 de Maio de 1933. MCS/CENEF.

VIEIRA, Oscar. Magia Negra, **Folha do Norte**. 15 de Dezembro de 1934. MCS/CENEF.

Sinha Candinha morreu, **Folha do Norte**. 22 de Junho de 1935. MCS/CENEF.

Não está direito, **Folha do Norte**. 06 de Agosto de 1938. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. Defendendo! **Folha do Norte**. 22 de Outubro de 1938. MCS/CENEF.

SANTIAGO, Claudio. Crônica Musical, **Folha do Norte**. 05 de Novembro de 1938. MCS/CENEF.

“A hygiene nos trabalhos agrícolas”, **Folha do Norte**. 12 de Novembro de 1938. MCS/CENEF.

Reunião dos lavradores em Santa Barbara, **Folha do Norte**. 18 de Fevereiro de 1939. MCS/CENEF.

A cultura do algodão na Feira, **Folha do Norte**. 25 de Novembro de 1939. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. Maianga, **Folha do Norte**. 22 de Julho de 1939. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. Candombe, **Folha do Norte**. 15 de Julho de 1939. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloisio. Pegi-Gan, **Folha do Norte**. 26 de Agosto de 1939. MCS/CENEF.

A lavra manual e mecânica, **Folha do Norte**. 04 de Novembro de 1939. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. No Bembé, **Folha do Norte**. 29 de Junho de 1940. MCS/CENEF.

Cooperativismo e credito rural, **Folha do Norte**. 13 de Julho de 1940. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. Mãe Filha, **Folha do Norte**. 04 de Maio de 1940. MCS/CENEF.

RESENDE, Aloísio. Terreiro, **Folha do Norte**. 29 de Agosto de 1940. MCS/CENEF.

SERVA, Mario. A Reabilitação dos Mestiços, **Folha do Norte**. 08 de Março de 1941. MCS/CENEF.

O beneficiamento de algodão em Feira de Sant'Anna, **Folha do Norte**. 14 de Abril de 1941. MCS/CENEF.

A miragem da abolição, **Folha do Norte**. 10 de Maio de 1941. MCS/CENEF.

O amparo a lavoura. **Folha do Norte**. 05 de Julho de 1941. MCS/CENEF.

Sindicalização Rural. **Folha do Norte**. 11 de Outubro de 1941. MCS/CENEF.

Universidade Rural. **Folha do Norte**. 08 de Novembro de 1941. MCS/CENEF.

Antonia Pé Preto, **Folha do Norte**. 26 de Dezembro de 1942. MCS/CENEF.

HOMENAGEM a Aloísio Resende, **Folha do Norte**. 03 de Janeiro de 1943. MCS/CENEF.

- Processos Crimes

Sumário. Vítima, Augusto Getúlio de Oliveira, 1937-1946. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 60 Doc: 1132;

Sumário. Acusado, João de Tal. Vítima, Cícero Rodrigues, 1938-1974. CEDOC/UEFS, **Processo Crime de Homicídio**, E: 2 Cx: 40 Doc: 661;

Sumário. Acusado, Zeferino Alves de Santana. 1941-1945. **Processo Crime de Homicídio**, CEDOC/UEFS. E: 02 Cx: 48 Doc: 804.

Sumário. Acusado, Avelino Lourenço. Vítima, Ovídio Angelo, 1943-1946. CEDOC/UEFS. **Processo Crime de Homicídio**, E: 1 Cx: 27 Doc: 493.

- Cartão Postal: Praça do comércio. Dia de feira [livre]. Feira de Santana, 1936. MCS/CENEF.
- CARVALHO, Heracilto Dias de. **Relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santana**. Feira de Santana: Silva e Irmãos, 1939.
- Serviço nacional de recenseamento do IBGE. **Série regional. – Bahia. 1940**. Disponível em : <
http://www.channah.com.br/meb/ia_visualiza_bd/ia_vdados.php?m=3261&n=censo1940vol12t1ba >. Acesso em: 02/05/2016, às 16:56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889 – 1923)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/, 1999.

_____. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da terra: conflitos no campo na terra de Lucas**. Dissertação de mestrado. Feira de Santana: UEFS, 2013.

AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres: romance**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

BASTOS, Pedro Paulo Zahlut. A construção do Nacional-Desenvolvimentismo de Getúlio Vargas e a Dinâmica de Interação entre Estado e Mercado nos Setores de Base. **Economia, Selecta**. Brasília (DF). v. 7, n. 4, p. 239 – 275, Dezembro 2006.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Rua de mão única, Obras Escolhidas, vol. II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAROLA, Carlos Renato. Jeca Tatu e o processo civilizador da família rural brasileira. **8º Simpósio Processo Civilizador, História e Educação: novas exigências do processo civilizador na contemporaneidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da, “1933: Um ano em que fizemos contato” In **Revista USP**. Dossiê Povo Negro – 300 Anos, v. 28(dez/fev), 1996.

DIAS, Maria Odila L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2 ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937)”, in: **Afro-Ásia – centro de Estudos Afro-Orientais**, Salvador, n.21-22, 1998-1999.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870 - 1910)**. Campinas, CP: Editora da UNICAMP, 2006;

FONSECA, Pedro D. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. **Pesquisa e Debate**. v. 15(2), p.225 – 256, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FREIRE, Luis Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850 – 1888**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-Graduação em História. Salvador, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

FROTA, Wander Nunes. **Auxílio luxuoso: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e Indústria Cultural**. São Paulo: Annablume, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

MAIO, Marcos Chor (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. 2 ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002.

_____(org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955 – 1957)**. Tese (doutorado em História). Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NAGAY, Julio Hidemitsu Corrêa. **A Cotonicultura Brasileira nos Anos 90: A crise e a retomada frente a globalização**. Monografia. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1999.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de Modernidade: olhares, imagens e praticas do cotidiano (1950 - 1960)**. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amanhecendo”:** urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2016.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Adeptos da mandinga”:** candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970). Tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador: UFBA, 2010

_____ **Aloísio Resende, poeta dos candomblés: histórias das populações negras em Feira de Santana-BA.** Feira de Santana: Samp Editora, 2011.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARANHOS, Adalberto. “Percurso social do samba: De símbolo étnico ao samba de todas as cores.” In.: **Racismos: olhares plurais.** Salvador: EDUFBA, 2010.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo:** família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANCHES; Maria Aparecida Prazeres. **As Razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador. 1889/1950.** Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2010,

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919 – 1946).** Dissertação de mestrado em História. Feira de Santana: UEFS, 2012.

SANTOS, Denilson Lima. **Nas rodas da macumba: os poemas de Aloísio Resende sob o signo da ancestralidade.** Dissertação de mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana: UEFS, 2009.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade os negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____ “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade” In.: **História da Vida Privada,** São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp. 177/244.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. “Recôncavo Fumageiro: Palco de uma fisionomia social e cultural” In. **Fazer Charutos: uma atividade feminina.** Dissertação (mestrado em História). UFBA - Salvador, BA, 2001.

SILVA, Gabriela do Nascimento. **Na Terra de Nanã: Candomblés, Territorialidade e Conflito em Feira de Santana (1890-1940).** Dissertação de mestrado em História. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2016.

SILVA, Mayara Plácido. **Experiências de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890 - 1930).** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Programa de Pós-Graduação em História. Feira de Santana, 2012.

_____ **‘Revolução sem sangue’ na ‘decantada pátria de Lucas’: Experiência de trabalhadores/as negros/as e migrantes no pós-abolição. Feira de Santana (1890 – 1930).** Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós Graduação em História. Salvador, 2017.

SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade nacional e historicidade: o 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934. In: **XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**, 2014, São Leopoldo. Programação e Caderno de Resumos. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.

_____ **O bicho que chegou a Feira.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1991.

_____ **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro: Imago Ed. Salvador, BA: Fundação cultural do Estado da Bahia, 2002.

_____ **Samba, o dono do corpo.** Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

SOUSA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas.** São Paulo: Edusc, 2001.

SOUZA, Edinelia Maria Oliveira. **Travessias e tramas: fragmentos da vida de africanos e afro-brasileiros no pós-abolição – (1888 – 1930).** Salvador: EDUNEB, 2016.

SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da valentia: violência e modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950).** Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2008.

SOUZA, Railma Santos. **Memórias da Escravidão na Princesa do Sertão: Matinha dos Pretos e Fazenda Candéal na historiografia da escravidão (Feira de Santana 1845 - 1945).** Monografia em História. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

SUZUKI, Matinas. VASCONCELOS, Gilberto. “A malandragem e a formação da música popular brasileira”. In.: **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano** Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

WOLF, Eric. R. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.